

AUGUSTO DAISSON

A' MARGEM DE ALGUNS
BRASILEIRISMOS



1925
EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO
BARCELLOS, BERTASO & Cia.
PORTO ALEGRE
Filiaes: Santa Maria e Pelotas

20

A' MARGEM DE ALGUNS BRASILEIRISMOS

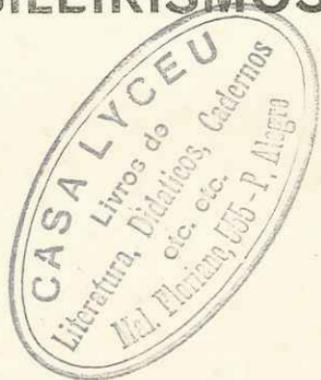
A' memoria de

Apollinario Porto Alegre

(Collectanea de artigos publicados no CORREIO DO POVO)

AUGUSTO DAISSON

**A' MARGEM DE ALGUNS
BRASILEIRISMOS**



1925

EDIÇÃO DA LIVRARIA DO GLOBO

BARCELLOS, BERTASO & Cia.

PORTO ALEGRE

Filiaes: Santa Maria e Pelotas

ACOMPANHANDO O AUCTOR

Augusto Daisson foi sempre um estudioso da lingua e das coisas patrias, ás quaes vota entranhado amor, malgrado a predilecção que sempre revelou pela litteratura e pelos escriptores francezes, que lê e estuda carinhosamente, conhecendo a fundo aquella em todas as suas manifestações e modalidades, e estes — os de todos os seculos e escolas.

Leitor assiduo da prosa e da poesia francezas no livro, no jornal, na revista, no romance, na novella, no drama e na comedia, Augusto Daisson tem vindo acompanhando a marcha e a evolução da litteratura gauleza, havendo mesmo traduzido para o folhetim do dia a dia jornalístico algumas obras de escriptores notaveis.

Jornalista ha longos annos em actividade, preso ininterruptamente á sua meza de trabalho, nem assim elle deixou fugir o tempo, sem empregar parte delle em escrever tambem o «seu livro».

Agora estampa Augusto Daisson este volume realmente precioso, como uma homenagem posthuma a Apollinario

Porto Alegre, de quem foi discipulo e admirador que ainda hoje quando falla do mestre querido é com estremecimento de carinho e saudade na voz.

A' margem de alguns brasileirismos, escripto em estylo diaphano e linguagem escorreita, encerra materia assás interessante para os estudiosos, e esclarece o sentido vago e obscuro que alguns lexicos emprestam a varios vocabulos nossos, que, dest'arte, ficam restituídos ao verdadeiro papel que desempenham na lingua.

Na *Introducção* do seu trabalho diz elle : «Temos aqui uma fonte inexgottavel de termos que figuram nos dictionarios com significação differente, ou, melhor ainda, com applicação differente», passando, em seguida, a enumerar alguns dos termos que andam com sentido improprio nos dictionarios de manuseio mais frequente.

E' de notar que já tambem o velho mestre se desesperava com os despauterios, as faltas e falhas que, a miude, encontrava nos lexicos e, pouco propenso á tolerancia, Apollinario Porto Alegre não poupava epithetos acerbos aos dictionaristas.

Assim, num *Ligeiro estudo sobre formas quinhentistas*, escrevia o saudoso mestre, em 1896 :

«A região montuosa da Casa Branca ou Morro de Sant'Anna, outr'ora Rincão de S. Francisco, é uma mina para quem observa e estuda. Para mim o minerio tem sido de uma veia riquissima; na ganga grosseira encontrei afortunadamente gemmas preciosas e de um valor inestimavel; em depositos cretaceos descobri fosseis de lingua-gem quinhentista e açoriana. Quasi nada se encontra nos dictionarios, porque, excepção feita de Bluteau e Moraes, quasi todos os lexicographos modernos são atrazados um seculo em assumptos glossologicos, inclusive Aulete, que fez um trabalho talvez para a Estremadura, Alemtejo e Algarve, e não para o resto de Portugal, suas colonias e o Brasil.»

Mais adiante, accentua : «Constancio copiou Moraes, a quem mordisca com dente envenenado e imaginou etymologias abstrusas sem discernimento e sem filiações historicas. Faria e o academico Lacerda nem se distinguem pela imitação fiel.»

Apenas exceptua o lexico de Fr. Domingos Vieira que, segundo palavras suas, traz além de copioso subsidio para o estudo da lingua em sua evolução atravez dos tempos, o magnifico portico erecto por Adolpho Coelho.

E é para salientar que Apollinario Porto Alegre ao apodar de pretencioso a Aulete, não deixa de observar que quando surgiu o *Diccionario contemporaneo da lingua portugueza* «já estava então publicado o monumento de Littré erguido á França em 1878; Roque y Barcia na Hespanha, imitando o sabio francez, sinão com tanta segurança, ao menos applicando os seus processos scientificos, seguia-lhe as pégadas, em 1880; mas elle desapiedado com illustres antecessores que estiveram na altura de seu seculo, elle, publicando seu trabalho em 1881, ficou distanciado de todos, até na innovação da pronuncia figurada, que é em muitos pontos contra as regras idiomaticas do portuguez».

Todavia, devemos salientar que Apollinario nos seus trabalhos de observação e analyse linguisticas, não se limitava a ficar dentro dos livros: descia ao contacto com o povo, acompanhava o vocabulo que era objecto do seu estudo na sua marcha atravez da conversação popular e assim completava a sua observação. E' interessante, por exemplo, o que elle escreve sobre «*computo*, conta, calculo, como em: «Vamos fazer o computo da despeza». Hoje em desuso. E' actualmente palavra do dominio dos calendarios; mas ha vinte annos no Morro de Sant'Anna era popular

e empregada por analphabetos. Assisti á lucta entre as duas palavras concurrentes, assisti á morte da forma archaica debatendo-se contra o elemento novo, o que foi a selecção pela lei do menor esforço».

Depois, diz :

«O verbo *passar-se* com o sentido de ter deliquio e morrer; as formas verbaes *despida-se* por *despeça-se*, *mida* por *mêça* accusam o passado quinhentista, que está a expirar ás portas de Porto Alegre».

Mais adiante, observa :

«Por vezes surge um vocabulo da mais remota antiguidade, e que os lexicos, apesar de ser ainda um organismo vivo, resto que sobrevive das primeiras formações da lingua, nunca recolheram.

Tal é o caso do verbo *hostar*, hospedar, e que não é erroneo, pois no latim *hostis* não só significava estrangeiro que se recebia em casa, á meza, o hospede, por consequencia, bem como o inimigo. Os Romanos, como os outros povos em seu periodo primitivo, consideravam os estrangeiros, aquelles que não lhes fallavam a lingua, como ini-

migos; dahi o proloquio latino: *Hospis, hostis*. Por isso, *hostar*, de *hostis*, e *hospedar* de *hospes* são derivações normaes. A differença é que um pertence ao nucleo primitivo da formação da lingua portugueza e o outro é de data mais recente.»

Isto escrevia Apollinario Porto Alegre, num *Ligeiro estudo sobre fórmas quinhentistas*, em 1896. Os seus trabalhos sobre brasileirismos e o vocabulario gaúcho, são de datas muito anteriores, quando a fortuna lhe sorria e o grande mestre nem sonhava que teria um dia que soffrer as agruras do ostracismo que o matou.

Talento dos mais culminantes e cultos que já teve por berço a patria gaúcha, Apollinario Porto Alegre foi um polygrapho brilhantissimo, que em todos os departamentos das lettras em que se manifestou, deixou obras de raro fulgor e seductora belleza.

Augusto Daisson revive-o no seu livro; mas não é só por isto que este tem um grande valor.

A' margem de alguns *brasileirismos* ensina muitas coisas, porque o seu auctor é um auctor de singularissima probidade.

Elle nunca se abalança a tratar de assumpto de que não está segurissimo e, por isso, os seus themas são estudados, meditados, pesados e contrapesados, de maneira que quando lançados ao papel e dados ao publico, estão expurgados de toda e qualquer eiva que os possa macular.

Obras outras existem sobre brasileirismos, dialectismos, provincialismos, etc., nenhuma, porém, vejo superior á do nosso operoso patricio, não só pelo estylo crystallino e correcto em que está escripta, como pela luz nova que projecta sobre o sentido de alguns vocabulos até agora obscuros nos textos lexicographicos. O mesmo acontece tambem com relação á origem e filiação de alguns.

O que é nosso, verdadeiramente nosso, é reivindicado com firmeza, e o que não é vai restituído ao seu verdadeiro logar.

E que para tanto foi necessario um estudo acurado e um esforço paciente, é coisa que entra logo pelos olhos habituados a verem com justiça.

Nem todos os escriptores do genero se dão a tal trabalho. Estes recolhem de outiva o vocabulario vagabundo das ruas, e dão-nos como da sua terra.

Ainda ha pouco li um artigo, aliás antigo, em que figura como «calão mineiro», varios termos e locuções correntes aqui e em toda parte, como estes :

Crespo — por difficil,
Pórre, camoéca — por embriaguez ;
Lambança —, por velhacaria, rusga ;
Duro de roer — por insupportavel ;
Tomar na cúia — por levar logro ;
Matar o bicho — por beber aguardente ;
Estar crú — nada saber ;
Banzé de cuia, turumbamba — tumulto na rua ;
Lord — dado a luxo.

E alguns outros.

A' margem de alguns brasileirismos, está visto, não é um trabalho desta estofa. Obra de estudo, de investigação, de commentario e elucidação, ella offerece paginas de extraordinario interesse, e nellas Augusto Daisson é sempre o mesmo espirito reflectido e cauto, que só emprega a palavra como um instrumento que serve para exprimir idéas claras e precisas.

Nestas condições, o seu livro está destinado a um curso-

brilhantissimo, a uma leitura estimavel e preciosa, e vem preencher uma lacuna em nossas letras tão minguadas de obras deste quilate.

Talento amadurecido pela idade e pelo estudo, zeloso do que produz, pondo nisto uma probidade modelar e que não tranzige, Augusto Daisson é um auctor que falla com auctoridade e póde ser citado com segurança, por que elle só escreve sobre o que conhece a fundo, e de maneira que todos o comprehendam e possam tirar de sua leitura algum ensinamento e utilidade.

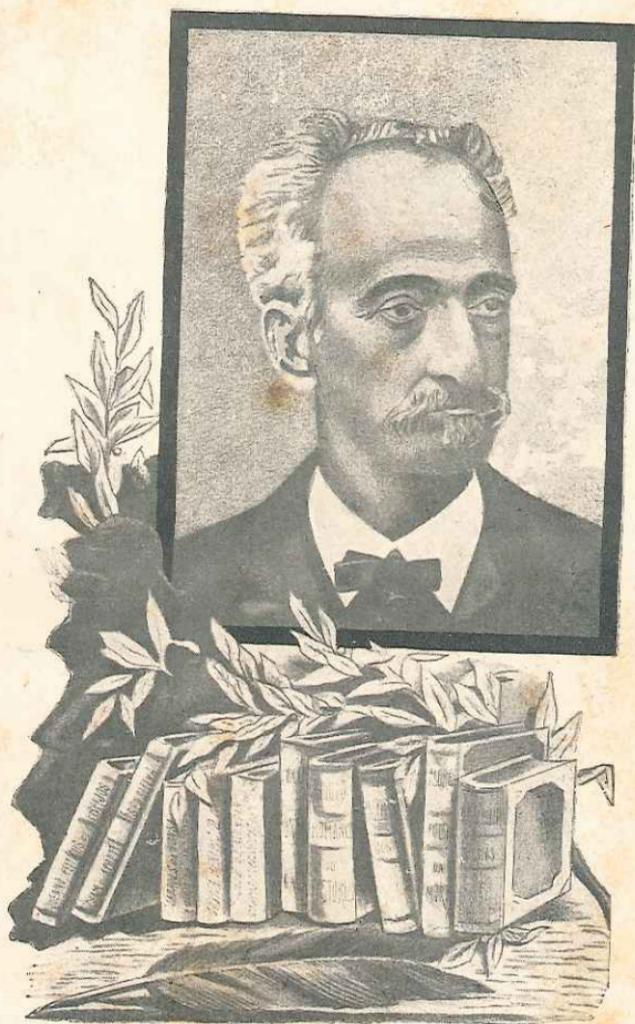
A' margem de alguns brasileirismos é, pois, pela intenção e pelo texto, um bello, um bellissimo livro.

22 - II

Porto Alegre —————

925

Zeferino Brazil.



Apollinario Porto Alegre
(1844-1904)

I

INTRODUÇÃO

O illustre escriptor sr. Affonso de E. Taunay, que é um dos poucos que se occupam da nossa historia, autor do *Lexico de Lacunas*, collectanea em que recolheu mais de cinco mil vocabulos ainda não averbados pelos grandes dictionaristas do portuguez, tem publicado ultimamente no *O Jornal*, do Rio de Janeiro, alguns bellos artigos sob as epigraphes *Pobreza vocabular inventariada*, *Brasileirismos não averbados ainda* e outros, e que muito devem ter despertado a attenção de todos os interessados pelos assumptos desta natureza.

Pergunta elle si o sr. Candido de Figueiredo tem relutancia em avolumar o vocabulario portuguez

e si achará a nossa lingua por demais rica, com os 137.000 termos que lhe inventariou? Quando se sabe que os *Webster*, os *Standart*, inglezes e americanos, de hoje, revelam a existencia de 50.000 vocabulos inglezes? Que os dictionarios allemães con-signam mais de 300.000 palavras e os francezes já estão acima de 250.000? Das quantas linguas civili-zadas é a portugueza das mais pobres, quanto ás technologias, ninguem o ignora.

Cita o que disse o sr. João Leda, da Academia Amazonense de Letras, por ter deixado aquelle dic-cionarista de inserir os 439 vocabulos lacunas indi-cados pelo mestre da lingua, Ruy Barbosa, na *Re-plica*, a titulo de exemplo dos incalculaveis thesouros de vernaculidade por apurar, ainda agora, no uso literario e popular.

E transcreve :

Qual deligente garimpeiro avido e guloso de finas pepitas — diz o escriptor nortista — impedia ao dictiona-rista luso recolhelas todas, carinhosa e agradecidamente, como um regalo principesco que, inesperado, lhe fôra ás mãos. Mas o orgulho, ou a vaidade, inspirou-lhe um pen-samento nocivo aos supremos interesses da lingua: guardou

o que lhe pareceu bom trigo e jogou para o arcaz das potreiras e escorralhos o que teve na conta de joio dam-ninho.

E, no emtanto, «a unanimidade critica consagrou a Ruy Barbosa o maximo escriptor da nossa lingua, nos dois paizes que a falam. Ninguem como elle, contemporaneamente, a meneou com igual vernaculidade, com o mesmo donaire, a mesma segurança, a mesma eloquencia.

Em outro artigo, diz o sr. Affonso de E. Tau-nay que a experiencia lhe convenceu de que deve haver, pelo menos, uns cem mil brasileirismos, que os grandes lexicos da lingua não contemplaram ainda.

Pouco tenho viajado — escreve — nas diversas zonas do paiz a não ser quanto a S. Paulo, Rio de Janeiro e Minas, mas sempre me succedeu descobrir regionalismos, por vezes numerosos, ao percorrer novas directrizes, sobre-tudo, pondo-me em contacto com pessoas do povo, caipiras e caboclos.

E' essa uma historia a que já estamos acostu-mados e, por isso, não nos admiramos. A's vezes, parece mesmo que o olhar do escriptor carioca não vae além de S. Paulo e de Minas. Alcança a Eu-ropa e outros continentes, mas o sul do Brasil é,

não raramente, para elle, como se não existisse. Os Estados do Paraná, de Santa Catharina e do Rio Grande do Sul ficam quasi sempre esquecidos.

Pois é pena que o sr. Affonso de E. Taunay não tenha ainda viajado pelo Rio Grande do Sul, porque encontraria aqui, não sem surpresa, uma fonte inexgottavel de termos, em muitos dos quaes nunca ouviu falar, e outros que figuram nos dictionarios, mas com significação differente, ou, melhor ainda, com applicação differente. Então, com o seu estylo claro, corrente e bellissimo, s. ex. poderia escrever um livro precioso, que os estudiosos da lingua muito lhe agradeceriam e apreciariam.

Sobretudo, o que mais extranhamos, e mesmo o que mais sentimos, no meio de todo esse barulho de vocabulos, é que não se diga uma só palavra de applauso, ou de simples lembrança, ao magnifico trabalho que fez o nosso saudoso amigo e professor Apollinario Porto Alegre, trabalho esse que muito se avanta a todos os que, nesse sentido, até hoje, temos conhecido, como opportunamente demonstramos. Isso, de algum modo, se explica pelo facto

de não ter sido publicada a obra, pois a morte surpreendeu o autor justamente na occasião em que os seus amigos pretendiam mandal-a imprimir. Si tal tivesse acontecido, Apollinario Porto Alegre teria legado e elevado á nossa lingua um verdadeiro monumento.

Entretanto, varios desses estudos foram publicados, não só aqui, como no Rio de Janeiro, e até na Europa, merecendo de Sylvio Romero, em um dos seus livros, as mais francas e elogiosas referencias.

O grande jornalista Carlos von Koseritz, que, nesta capital, redigia, ao mesmo tempo, a *Gazeta de Porto Alegre*, em portuguez, e o *Koseritz Deutsche Zeitung*, em allemão, pois manejava correctamente os dois idiomas, foi sempre um ardente admirador do director do antigo Instituto Brasileiro.

Uma vez, Koseritz pediu-lhe que escrevesse qualquer trabalho, que elle, Koseritz, traduziria para o allemão e mandaria publical-o em um jornal de Berlim.

Esse pedido foi satisfeito. Apollinario Porto

Alegre entregou-lhe um pequeno estudo sobre as origens guarano-típicas do portuguez falado no Brasil.

Esse trabalho foi publicado em um dos grandes jornaes da capital da Allemanha. O director do mesmo jornal, porém, antes de o inserir, chamando a attenção dos seus leitores, disse, entre muitas outras cousas honrosas, que o autor do estudo em questão poderia figurar, com brilho, em qualquer sociedade scientifica européa.

O jornalista berlinense affirmára uma verdade, assim como Sylvio Romero e outros publicistas. Mas, tudo isso não bastou para que chegasse até aos nossos dias a lembrança dos trabalhos de investigação philologica de Apollinario Porto Alegre. E' que os annos transcorrem depressa, deixando cair camadas de pó, que se vão tornando cada vez mais espessas, sobre as cousas do passado.

O que tambem extranhamos, e não podemos deixar de lamentar sinceramente, é o caso de, na relação dos autores e das obras principaes donde o reverendo padre Carlos Teschauer, S. J., extrahi as citações para o seu excellente *Novo vocabulario*

nacional, não figurar o nome daquelle extincto professor rio-grandense.

Por que ? Ignoraria elle a existencia de taes trabalhos ?

E' o que, no momento, não sabemos como responder.

*

Na sua residencia da Casa Branca, situada no morro de Sant'Anna, arredores desta capital, e hoje de propriedade do estimavel cavalheiro sr. Oscar Daudt, colheu Apollinario Porto Alegre alguns dez mil termos e expressões, peculiares á linguagem no Brasil. A' proporção que organisava o seu trabalho, com muito cuidado e intelligencia, ia elle tambem annotando, posto que em alguns ligeiramente, as causas que concorreram para a formação dialectal no Rio Grande do Sul.

Os principaes elementos que concorreram para esse fim foram: açoriano, quechúa, tupi-guaranytico, africano e castelhano. O açoriano, que foi o nosso primeiro colonizador, applicou muitos dos seus ter-

mos marítimos aos usos e ás necessidades campestres, que pediam a criação de uma nova palavra.

A respeito, escreveu Apollinario Porto Alegre, em 1870 :

Muitas vezes a exigencia de uma nova vida em novos climas, sob condições mui diversas, dum termo classico, ou lhe transformou a accepção, ou tirou derivados. Por exemplo: tropa passou a exprimir manada e trouxe a formação de tropilha, tropeiro, tropear. Bandeira significa uma reunião de homens em empresas pelo sertão e metaphoricamente — reunião de animaes, como em: bandeira de quatis, de caitetús. Bandeirantes e embandeirados são os derivados.

Para não tornar muito extensas estas linhas, citaremos apenas, segundo a opinião do solitario da Casa Branca, alguns termos e dos mais conhecidos que o açoriano nos deixou, transplantados do mar para a terra :

Regeira, sóga, cabresto e rebem, que, mais tarde, se tornou rebenque.

A raça dos incas, ou o quechúa e o tupi-guaranytico, poderosos dominadores da America do Sul, trouxeram, entre innumerous outros, os seguintes :

charque, guacho, matte, congonha, tambeiro, chacra, guampa, guasca, chasque, chasqueiro, porongo, china, chinoca, namby, moquear, cangar, bombeiar, pitar, capão, capueira, minuano, cuia, tapéra, cupiar.

O africano trouxe: moleque, quiziha, cacimba, munzuá e outros. O hespanhol deu raros vocabulos, quasi todos com a significação restricta, ou diferente, como: poncho, lonca, pellego.

Devido a uma gentileza do sr. Alvaro Porto Alegre, digno filho de Apollinario Porto Alegre e distincto funcionario dos Telegraphos, temos em nosso poder os manuscriptos da grande obra daquelle extincto professor.

Essa obra não foi ainda publicada, porque, depois da morte do autor, não foram, até hoje, encontrados alguns cadernos, que representavam, talvez, a sua parte mais importante.

Apollinario Porto Alegre não os destruiu evidentemente. Não podia consumir um trabalho de trinta annos, pois o começou em 1870 e o terminou em 1900, fazendo do mesmo especiaes recommendações a seus filhos.

Alimenta-se ainda a esperança de serem encontrados os referidos cadernos, quem sabe mesmo si no archivo de algum amigo já extincto ao qual fossem emprestados.

Entretanto, a parte da obra que ficou, podendo dar um grosso volume, constitue um trabalho de inestimavel valor.

Em outro artigo, deixaremos claramente demonstrada a nossa affirmativa, quando fizermos alguns confrontos de vocabulos estudados pelo solitario da Casa Branca com os mesmos vocabulos apresentados por outros autores que, desde já não receiamos dizel-o, lhe ficam a perder de vista...



II

ABOMBAR, ENCANGAR

Não se estuda a lingua de um povo, sem que se lhe estude tambem a historia. Para se conhecer a origem de um vocabulo, ou o modo como elle se formou, seguindo o processo de inferencia, torna-se necessario o estudo meticoloso da historia. Isso é claro e muito velho.

No Brasil, para se conhecer a origem dos termos ainda não averbados pelos dicionaristas, e que tenham sido lançados pelo uso popular ao tempo da conquista, torna-se necessario fazer uma paciente e segura investigação nas nossas tradições coloniaes, na vida intima e na linguagem dos nossos selvicolas.

Parece que assim pensou Apollinario Porto Alegre, já em 1870, quando resolveu escrever o seu

Dialecto Nacional. Senhor de vasta illustração, amparada por uma notavel e lucida intelligencia e, além disso, muito inclinado a taes trabalhos, não vascillou um momento em metter hombros á sua obra, que, por si só, lhe deixaria renome.

Os nossos modernos vocabulistas não reflectiram, porém, do mesmo modo, como se pôde depreender dos seus proprios livros.

Não basta apresentar apenas o termo, dar-lhe a significação corrente, a qual será, ou não, verdadeira, e citar uma phrase em que o mesmo figure, colhida em fontes diversas. Uma collectanea feita por esse methodo, na nossa fraca opinião, não constitue um grande esforço, uma tarefa difficil, um estudo acurado da materia. Semelhantemente é o que se chama, na redacção dos jornaes, trabalho de tezoura, trabalho commodo, pois que consiste, depois de ligeira leitura, em aproveitar a producção alheia.

Com a descoberta do Brasil, a nossa lingua ficou enriquecida de milhares e milhares de vocabulos, de origem guarano-tupicas, e que os portugue-

zes, não só, desde o começo da conquista, os aceitaram, como os transmittiram a seus descendentes. Assim é que não temos ainda um vocabulario nacional, que plenamente satisfaça a curiosidade dos estudiosos, visto como permanecem occultos muitos thesouros de philologia.

Por isso, o solitario da Casa Branca entendia, e sempre dizia a seus alumnos, que só do nosso paiz é que poderia sair um lexico que correspondesse á sua marcha evolutiva e aos avanços da sciencia neste ramo. Assim, evidentemente, não teriamos tambem a surpresa que nos dá a desculpa do sr. Candido de Figueiredo, que, segundo disse o sr. Affonso de E. Taunay, deixou de colher um vocabulo, pelo facto de lhe desconhecer a significação !

Entretanto, os portuguezes que povoaram o Brasil, aceitando e usando os termos que nasceram, portanto, com a conquista, legaram-nos, na opinião de Apollinario Porto Alegre, "um thesouro mais precioso que os hieroglyphos de Karnac, as inscrições cuneiformes de Behistua e os marmores de Paros".

*

Conforme promettemos passamos a dar, a seguir, alguns confrontos, mas observando que o *Vocabulario Rio-Grandense*, de Romagueira Corrêa, foi editado pelos srs. Echenique & Irmão — Livraria Universal —, de Pelotas, em 1898, datando de 1923 a publicação do *Novo Vocabulario Nacional*, do reverendo padre Carlos Teschauer, S. J., editado pelos srs. Barcellos, Bertaso & Cia. — Livraria do Globo —, nesta capital, e que o director do antigo Instituto Brasileiro começou a escrever o seu *Dialecto Nacional* em 1870.

Tomemos, para exemplo, o verbo “abombar”.

Diz Romagueira Corrêa :

Abombar, verbo intransitivo. Quando um cavallo, por excesso de serviço, ao rigor do sol, fica, pelo cansaço, incapaz de continuar o trabalho, diz-se que elle *abombou*. O animal que chega a esse estado pôde, descansando algumas horas, ser de novo montado, porquanto durante aquelle espaço de tempo adquiriu as forças perdidas. Emprega-se

como v. trans., quando se diz que um individuo, por descuido, ou outro motivo, deixou o animal chegar áquelle estado, isto é, o *abombou*.



Romagueira Corrêa (já extinto) autor do *Vocabulario Rio-Grandense*.

Etym. — Derivado do vocabulo chileno *abombar-se*; ficar ligeiramente ebrio, tonto, perder a lucidez das faculdades mentaes; donde resultou a comparação do estado do animal com o do individuo naquellas condições.

Diz o padre Carlos Teschauer, S. J. :

Abombar, verbo intransitivo. Diz-se que o cavallo *abombou*, quando, tendo feito uma grande viagem em dia

de calor, fica em estado de não poder mais caminhar; mas, depois de refrescar, pôde continuar a marcha (Coruja). (Ann. do E. do Rio Grande do Sul, 1904).

Diz Apollinario Porto Alegre :

.. *Abombar*. 1) — Perder o animal as forças pela acção solar, ou pela longa estirada, podendo, entretanto, continuar a viagem, apenas descance e refrigere o tempo: 2) figurado: ficar-se acabrunhado.

Recolhido pela primeira vez, por Coruja, no *Vocabulário Rio-Grandense*, publicado na *Revista do Instituto Histórico Brasileiro*, vol..... pag..... No norte, substituem-no pelo verbo *affrontar* (Beaurepaire Rohan).

Etym. — Pertence esta palavra ao sul do Brasil e ás Republicas hispano-americanas, pelo contacto com as tribus guaranys. Todos os que lhe têm procurado a origem desviaram-se da verdadeira trilha. Roque y Barcia, autor do melhor dicionario da lingua hespanhola, segundo os ultimos methodos scientificos, não a traz em nenhuma accepção. O dicionario de d. Ramon Rodriguez, obra em que se encontra a maior somma de americanismos, apresenta-a, ainda imperfeitamente. Beaurepaire Rohan, que, ao principio, a supuzera acertadamente de procedencia indigena, afastou-se da verdadeira indagação neste sentido, para se apegar aos dictionarios de chilenismos de Zarob Rodriguez, que o recolheu nas significações transalatas.

Procede de *amombá*: consumir, gastar, acabar, destruir. No proprio guarany, é resultante de amargação, digo, amalgão de *amonhaga*, fazer, e *pab*, fim, acabamen-

to, morte (Montoya), que, pelo processo que lhe é peculiar, produziu a fórma supra. Nesta lingua, deparam-se as seguintes fórmas que concorreram para a cabal explicação do nosso termo :

Anhomobá: acabaram-se os meus, minha gente; *amombá*, *amonhaga*, *amombatei*, *amombapi*, com o sentido de destruir, agastar, consumir: *amombá* abá: *consumir* a gente.

No tupi da costa: *mombáo*, *amombáo* (G. Dias); *amombab* (Ernesto França). No tupi amazonico actual: *mumpáu*, ou *mumbáu* (Couto de Magalhães).

Passando a palavra para o portuguez e o hespanhol, com a accepção de gastar as forças, deu-se a permuta do *m* pela analogia labial *b*, o mesmo que teve logar com *mbaitaca*, de que uns dizem *baitaca* e *baitaquear* e outros dizem *maítaca*, *maitacar* ou *maitaquear*; com *mbeijú*, de que se faz *beijú*; com *maracajá*, donde a fórma, germinada de *maracajá* e *bracajá*, etc.

Pelo que acima transcrevemos, pôde-se ver bem a differença que existe entre os trabalhos de Romagueira Corrêa e do padre Carlos Teschauer, S. J. e o de Apollinario Porto Alegre. Pelo estudo feito por este ultimo, pôde-se ter igualmente a certeza de que Romagueira Corrêa foi encontrar, no dictionario de Zarob Rodriguez, a procedencia chilena para o verbo *abombar*. Isso, aliás, não prova cousa alguma.

O facto de um dictionario de paiz estrangeiro inserir um vocabulo não quer dizer que a sua procedencia seja desse mesmo paiz. O dictionario de Aulete já registra muitos termos formados no Brasil. E' possivel, pois, que o verbo em questão fosse importado daqui pelo Chile, e não tenha vindo de lá para cá. Entre os paizes, a semelhança dos vocabulos e da sua applicação nem sempre indica a sua procedencia de um, ou de outro.

A China e outras nações da Asia têm um instrumento de supplicio chamado *'cangue*, que se assemelha á *canga*.

Póde-se, dahi, inferir que a origem desse nosso conhecido vocabulo venha daquelles paizes tão afastados do nosso ?

O solitario da Casa Branca poz em duvida tal origem. Escreveu elle que a nossa gente rustica usa, geralmente, do vocabulo *encangar*, que corresponde no guarany a *anhacangá*, significando — prender pela cabeça.

A esse respeito, aquelle saudoso professor fez longas pesquisas, pondo em relevo a influencia que

exerceu a lingua americana sobre a formação do referido vocabulo. E' um caso esse identico ao do verbo *abombar*, que apparece no *Vocabulario Rio-Grandense* como de procedencia chilena, e que, no emtanto, como acabámos de ver, representa um verdadeiro producto do tupi e do guarany.

III

BUTIA', BUTIATUBA, BUTIAZAL

Nas linhas que aqui vamos deixando, não pretendemos acompanhar de perto, bem se vê, o longo e admiravel estudo de Apollinario Porto Alegre sobre as origens guarano-tupicas do portuguez falado no Brasil.

Para isso, teriamos que citar innumerous vocabulos e proverbios locais e não seriam necessarias, apenas, varias columnas e, sim, paginas e paginas do *Correio do Povo*, em composição cerrada.

Entretanto, no estudo alludido, ha tantas coisas inéditas para o Rio Grande do Sul e o paiz inteiro, e tão curiosas para os interessados em taes assumptos, que não podemos deixar em esquecimento algumas das que julgamos mais merecedoras de apreço.

Assim é que trataremos, hoje, da parte refe-

rente á transformação que soffreu um vocabulo indigena, na sua passagem para o portuguez. A transição deu-se, com certeza, lentamente, á medida que, aos poucos, o termo se ia enraizando na linguagem popular, como, aliás, posto que ligeiramente, já tivemos occasião de ver com o verbo *abombar*.

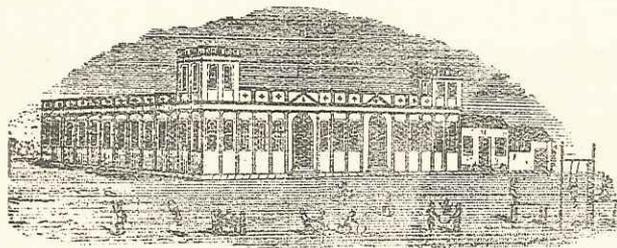
Vejamos, agora, a palavra *butiá*.

O *Diccionario Contemporaneo*, de Caldas Aulete, não a registra, nem o *Novo Vocabulario Nacional*, do reverendo padre Carlos Teschauer, S. J. A *Encyclopedia Portugueza*, de Maximiano de Lemos, — parece incrível! — diz, sómente, isto: “Especie de palmeira”. O *Vocabulario Rio-Grandense*, de Romagueira Corrêa, informa: “*Butiá*, especie de coqueiro pequeno e a sua fructa”. Dá depois rapidamente a significação de *butiazal* e de *butiazeiro*, não despertando, de maneira alguma, a attenção do leitor.

Representando o vocabulario uma ampla collectanea fiel dos termos de uma lingua, com explicação succinta, verifica-se, por ahi, que os autores acima apontados deixam muito a desejar.

Em Portugal, não ha muito tempo, dizia-se que os brasileiros tinham deturpado, ou, antes, desfigurado o portuguez.

Puro engano. A lingua de Camões permanece



Instituto Brasileiro, collegio fundado por Apollinario Porto Alegre e Hilario Ribeiro, á esquerda da entrada do Caminho do Meio, hoje demolido em parte, retirando-se depois o segundo daquelles professores e ficando sob a direcção do primeiro.

intacta. O que se fez, aqui, foi enriquecê-la com uma variedade enorme de vocabulos, creados pelas exigencias de uma nova vida. As palavras trazidas do mar para a terra, pelo açoriano, são tão poucas, que, claramente, não podiam produzir essa tão falada desfiguração. Talvez seja esse o motivo por que os lexicographos d'além mar fogem de recolher os nossos vocabulos.

O que se dá no Brasil, dá-se também, em todos os paizes latinos da America. Nem por isso a lingua de Cervantes foi desfigurada. O mesmo acontece, ainda, nas colonias e nos dominios das nações européas, nos diversos continentes. Demais, si houve tal alteração no idioma, foi ella feita pelos proprios portuguezes, logo depois da conquista.

*

E' muito conhecida, entre nós, a fructa do *butiazeiro*, de côr amarello-vermelha. Ha o *butiá* doce, que chega a enjoar, muito apreciado pelos selvicolas e pelas nossas creanças, e o *butiá* azedo, amargoso e intragavel, mas que muitas donas de casa aproveitam para, com elle, fazer um saboroso licôr.

Fala Apollinario Porto Alegre :

Butiá, fructa do *butiazeiro*.

Etym. De *ybatáuá*, que consta de dois elementos: *ybá*, fructa, e *tauá* por *taguá* no antigo tupi, significando vermelho, e, no actual tupi amazonico, amarello, pois, nas diversas variedades de fructas desta palmeira, as ha, desde o tom amarello desmaiado até ao rubro fechado.

Em seguida, o autor manda ver a etymologia de *batauí*, a qual é a seguinte :

Batauí, ou *patauí*, denominação com que é conhecida, no Matto Grosso e no valle do Amazonas, uma palmeira, ficando a primeira na nomenclatura scientifica.

E' o *oenocarpus batauí*, de Martins. Assemelha-se á *bocaba*, no porte e produz fructas avermelhadas, quando maduras, das quaes os indios fazem vinho.

Suppomos proceder de *ybá* e de *taguá*, ou *tauá*, que, no dialecto tupi do Amazonas, equivale a amarello e designa, ainda, uma argila ochrosa da mesma côr.

Taguá, por sua vez, consta de *tatá*, fogo, e *guá*, pintura, isto é — colorido côr de fogo.

Taguá, no antigo tupi, tinha a significação de barro vermelho (Vide Figueira Gr. Tupi) e, portanto, como adjectivo, designava a mesma côr. Actualmente a accepção descaiu, por haver *curi* para a argila de coloração rubra.

Apollinario Porto Alegre não entra em particularidades sobre as differentes fórmãs que tomou a palavra *ybatáuá*, *batauí*, ou *patauí*, antes de se fixar definitivamente em *butiá*, no portuguez.

Continuando nos seus estudos sobre a lettra B, chega elle á palavra *butiatuba*, synonymo de *butiazal*, bosque de *butiazeiros* + *tyba*, suffixo corresponden-

te ao portuguez em *al*. E diz que “a difficil pronuncia do *y*, que produz *gutturalmente* um som intermedio entre *i* e *u*, fez com que taes vocabulos, de procedencia indigena, ora passassem para a lingua vulgar em *tuba*, ora em *tiba*.

Butiazada, grande porção de *butiás*, *butiazal*, entre as pessoas cultas, *butiazeiro*, palmeira do genero côco, de que ha algumas variedades, notando-se, entre ellas, o *C capitata* e o *C eriospatha*.

✱

O sr. Affonso de E. Taunay diz que, nas suas viagens pelo interior de S. Paulo e de Minas, entre pessoas de pouca illustração, recolheu vocabulos, de que não tivera, até então, conhecimento.

Tambem, no lugar onde residia (Casa Branca) o director do antigo Instituto Brasileiro, a população dos arredores era, nessa época, quasi toda analphabeta, e descendia, na maior parte, de açorianos com guarany e raros africanos.

Era entre essa gente simples e boa que Apolli-

nario Porto Alegre fazia farta colheita de palavras, para elle, ainda desconhecidas.

A par de vocabulos classicos que os seus visinhos usavam, como *cercear*, por cortar; um *eito*, por uma limpa, deparou-se elle com trez termos synonymos, representando os trez factores da nossa nacionalidade, e que lhe causaram viva impressão. São esses termos : *penso*, *cambaio* e *guenzo*. Exemplo: Este banco está *penso*, *cambaio*, *guenzo*.

A respeito, diz o saudoso professor :

Penso, que ainda os lexicographos não colligiram, apesar do povo, conservador em seus habitos, salvou-o pelo uso, vem do verbo latino *pendere*, é o participio *pensum*. *Cambaio* é do guarany. *Guenzo* é do bantú.

De modo que, assim, se foram formando muitos vocabulos, para usos particulares e do povo.

Durante muitos annos, as pessoas rusticas diziam *butiatuba*, do guarany em toda a sua pureza, referindo-se a um bosque de *butiazeiros*, vocabulo que, ao correr do tempo, pela desinencia em *al*, tomou a fôrma portugueza, dizendo-se hoje *butiazal*.

IV

AMENDOIM, BUÇAL, CAIPORA

Hoje, trataremos de mais tres vocabulos de origem indigena, afim de demonstrar a maneira intelligente e bem cuidada com que Apollinario Porto Alegre costumava fazer os seus trabalhos. São elles *amendoim*, *buçal*, *caipora*.

Não ha, em todo o Brasil, quem não saiba que a semente da planta do *amendoim*, torrada ao forno, se torna de sabor agradavel, tendo, por isso mesmo, milhares e milhares de apreciadores, entre os velhos, os moços e as creanças. Aqui, em determinada estação do anno, á tardinha e ás primeiras horas da noite, ferem-nos os ouvidos o grito de garotos e o apito de carrocinhas, estas imitando grosseiramente

pequenas locomotivas, e que annunciam *amendoim* torrado. E' claro que a freguezia nunca falta.

Triturado, ou reduzido á farinha, o *amendoim* é empregado no preparo de doces delicados, muito procurados em todas as confeitarias. Tambem tem applicação industrial, extraindo-se d'elle um oleo comestivel e o conhecido azeite de lamparina. Nesta cidade, os pontos preferidos para a sua venda, porque para ahi sempre afflue muita gente, são as estações ferro-viarias, por occasião da saida dos trens, as estações dos bondes, durante as noites de fogos e á entrada dos theatros.

Antes, mais que hoje, as pretas africanas e igualmente não africanas, com uma voz aguda, nos fogos do Espirito Santo, assim annunciavam e ainda annunciam a venda desse producto ao alcance de todas as bolsas: — *Mandubi torrado!* ou, então, simplesmente: — *Torradinho!*, palavra que ellas corrompiam e corrompem deste modo: — *Torrandim!*

Buçal é um apparelho de couro crú, ou curtido, e que se colloca na cabeça e no pescoço do cavallo.

Nas estancias do Rio Grande do Sul, é muito vulgar ouvir-se uma phrase, assim: — “Rapaz, põe o *buçal* neste cavallo e o *maneador* (corda de couro muito macia) e bota-o á sogá”.

Emprega-se tambem o mesmo termo no sentido de illudir e enganar. A respeito, é muito espalhada na campanha a seguinte quadrinha popular:

No potreiro de teus olhos,
Cupido me pialou;
Como me hei de escapar,
Si já o *buçal* me passou.

Do referido vocabulo, como veremos mais adiante, formou-se o verbo *embuçalar*, com o mesmo sentido, assim, por exemplo: — “Não faço tal negocio, porque fulano pensa que me ha de *embuçalar*.”

Bluteau diz:

Buçal é uma das peças do arreo do cavallo, a que tambem chamam fucinheira, e a correia que fica sobre o fucinho do cavallo e o mesmo é a corda do cabresto. Galvão. *Tratado da gineta*.

Em *fucinheira* diz elle que a chamam tambem *buçal*.

Buçal, enganar, logro. Botar o *buçal*, enganar : — «Não admitto *buçal* de couro fresco».

Caipora, genio das florestas brasileiras. A seu respeito, diz Couto de Magalhães :

Homem colossal, de corpo pelludo. Montado em um porco do matto, ninguem o podia vêr, sem ser extremamente infeliz pelo resto de sua vida...

O *Caipóra* era o genio protector da caça do matto e só era visto quando, rodeando-se uma familia de animaes selvagens, se a pretendia extinguir.

Beaurepaire Rohan, referindo-se á maneira por que o mytho indigena foi modificado no meio christão, accrescentou :

E' representado, ora como uma mulher unipede, que anda aos saltos; ora, como uma creança de cabeça enorme e, ora, como um caboclinho encantado.

Etym. Além destes vocabulos, usamos dos verbos *encaiporar* e *desencaiporar*. Provem de *caipóra*, que se compõe de *caa*, matto, e *póra*, habitador, isto é — o genio das florestas na theogonia indigena. Da influencia fatal que elle exercia sobre a pessoa em que fitava o olhar, formam-se as muitas palavras usadas no brasileiro popular.

*

Estamos verdadeiramente admirados do seguinte: o *Diccionario Contemporaneo* e a *Encyclopedia Portugueza*, respectivamente, de Caldas Aulete e de Maximiano de Lemos, registram, como si fossem a isso obrigados e não por vontade propria, os vocabulos *amendoim* e *caipora*, isto é — o segundo autor apresenta exactamente, linha por linha, palavra por palavra, a mesma ligeira e deficiente definição que dá o primeiro.

Não satisfazem, portanto,

Póde-se até suppôr que haja, de facto, da parte dos lexicographos portuguezes, um certo empenho em não recolherem os termos de origem brasileira.

Ora, segundo nos parece, esse modo de entender o caso não é acertado. O Brasil é o principal mercado de consumo para os livros portuguezes, na proporção, talvez, de dois terços da producção total. Não fôra isso, e as edições de dictionarios e de quaesquer outras obras ficariam sómente em projecto, ou seriam tão reduzidas que o trabalho, ainda que em muito boas condições, não teria compensação alguma.

Caipora também é uma palavra muito conhecida em todo o paiz, podendo ser empregada como substantivo e como adjectivo. Como substantivo, nas casas de jogo, ouve-se constantemente: — “A *caipora* não me deixa hoje”; como adjectivo: — “Jogador *caipora*”, “roleta *caipora*”, e assim por diante.

*

Vejamos, agora, a procedencia dos referidos vocabulos, conforme nol-a dá Apollinario Porto Alegre:

Amendoim, mandubi, mendubi, mundubi, mudubi, diversas maneiras de se denominar a *arachis hypogea*, da familia das leguminosas. No Paraguay, chamam-n'a *manduvi*; na Hespanha, *cacahuete*; nos Estados platinos, *mani*.

Etym. — Nos diversos dialectos do tupi, *mandubi* compõe-se de *mã*, monte, amontoar, e *iub*, do verbo *yub*, estar. o que significa igualmente agrupar-se, agglomerar-se, isto é, o que caracteriza os fructos que, arrancada a planta, são todos juntos e pendentos. A forma *mandubi*, que, em portuguez, se transformou em *amendoim*, parece que existia em algum dialecto tupinico, no emtanto, é degenerescente. No taino, é *mani* (Oviedo).

Buçal. Errado. Já o *Cancioneiro*, de Rezende, em 1515, traz a palavra *buçal*, com a significação usada entre nós.

Assim como Coruja originou a palavra *buçal* de *buço*, no que todos o têm acompanhado, uma outra confusão se dá no Rio Grande do Sul, esta, inconsciente, devida á formação do verbo *emboçalar*, enganar, illudir, também de



Padre Carlos Teschauer, S. J.,
autor do *Novo Vocabulario
Nacional*

origem guarany, mas diversa, com o verbo *embuçalar*, pôr o *buçal* no animal. Dahi, veio o dizer-se: botar o *buçal*, com a accepção do primeiro verbo. *Emboçalar* procede de *nhemocarai*, brincar, jogar, illudir, thema que ainda forneceu o divertimento infantil do tempo-será. Deste, nos artigos correspondentes, trataremos latamente. *Embuçalar* derivou-se de *buçal*, com a prefixal portugueza e desinencia guarany *yará*.

Coruja não fez mais do que adoptar a hypothese do *Diccionario da Academia Hespanhola* (1726):

«Cesta ou sacco, geralmente de espasto, e que, suspenza da cabeça, se põe nos animaes, de lavoura e de carga, para que não damnifiquem as plantações. Açamo, posto nos cães para não morderem. Taboinha com púas de ferro, posta nos terneiros para que não mamem.

Diccionario de Ramon Rodriguez e Roque y Barcia.»

«Parece que se chama assim, porque se põe sobre o buço do animal. *Diccionario da Academia Hespanhola.*

Tambem o *Novo Vocabulario Nacional*, do reverendo padre Carlos Teschauer, S. J., não traz as palavras *buçal* e *caipora*, registrando, apenas, o vocabulo *amendoim*.

No *Vocabulario Rio-Grandense*, de Romagueira Corrêa, encontra-se, aliás, com uma boa definição, o termo *buçal*, ficando os outros dois em esquecimento.

E assim, nos dictionarios portuguezes e nos vocabularios brasileiros, pelo menos entre os que conhecemos, notam-se faltas sensiveis, faltas que não deveriam existir, não admittindo explicação alguma, e que os tornam realmente sujeitos á censura.

V

CHURRASCO

Comquanto não seja o *Popularium sul-rio-grandense* um trabalho de tanto valor como as *Origens guarano-tupicas do portuguez falado no Brasil*, ainda assim, nelle, podemos apreciar Apollinario Porto Alegre como escriptor elegante, ironico, fino, sabendo compôr ao correr da penna, com facilidade, bellas phrases em vernaculo puro.

A sua ironia não é, porém, amarga e cruel. Surge de passagem, rapidamente, sem magoar, sem irritar, ferindo apenas, de leve, o assumpto visado. E' um jogo de espirito, do qual, unindo coisas phantasticas a coisas reaes, extráe, algumas verdades,

que, não raras vezes o verniz da civilização procura dar outro sentido

Assim, antes de tratar do churrasco, — que ainda hoje, no Rio de Janeiro e em outros centros importantes, se pensa que é oriundo deste Estado, sendo anunciado deste modo nas festas ao ar livre e até no cardapio dos restaurantes, quando é certo que essa comida vem de épocas remotas, — acha que a Inglaterra, paiz criador, o substituiu pelo *roast-beef*. A este, prefere elle o churrasco, sim, o churrasco bem feito, bem tostado. Um filho da Albion, affrontando um *roast-beef*, com a bocca ensanguentada e com os bigodes rubros, recorda, lançando-se uma vista retrospectiva bem longe, no passado, o troglodyta das cavernas...

Por isso, o povo inglez faz o irlandez jejuar batatas durante o anno (Buckle-I-pags. 80 e 81), e *devora* as tribus da Australia e da Polynesia, da India e da China e exhibe a sua *anthropophagia* contra os boers.

O facto é que alguns annos depois de ter Apollinario Porto Alegre escripto isso de que acima da-

mos um resumo, os boers, com o velho Paulo Kruger á frente, para se vêr livre da pressão britannica, sustentaram porfiada e heroica luta. Embalde, o velho Kruger foi a Paris e a outras capitaes europeas, afim de expôr aos governos a sua justa e santa causa. Não conseguiu, siquer, ser recebido quanto mais ouvido em tal assumpto. Não se podia melindrar uma nação amiga por causa de uma questão na qual não se deviam intrometter...

E o velho Kruger, cançado, desilludido e com a alma a tremer de dôr, voltou para a sua terra, no sul da Africa, terra riquissima de minas de ouro e de diamantes...

Da India, já nos têm chegado alguns rumores de rovoltas, mesmo de manifestações de independencia completa, isto é — sem o predominio da Inglaterra. Para evitar que esse movimento tomasse maior vulto, o principe de Galles fez um acto de presença na India, o que, entretanto, parece que pouco influuiu. Por sua sua vez, a Irlanda, depois de muito lutar, transformou-se em Estado Livre.

O mais interessante em tudo isso é que o direi-

to do mais forte, para suavizar as coisas, para estar de accôrdo com a civilização e para que as grandes potencias não venham a perder, de todo, as suas antigas colonias, inventou estes termos melifluos : Dominio e Protectorado.

Mas, passemos a ouvir Apollinario Porto Alegre.

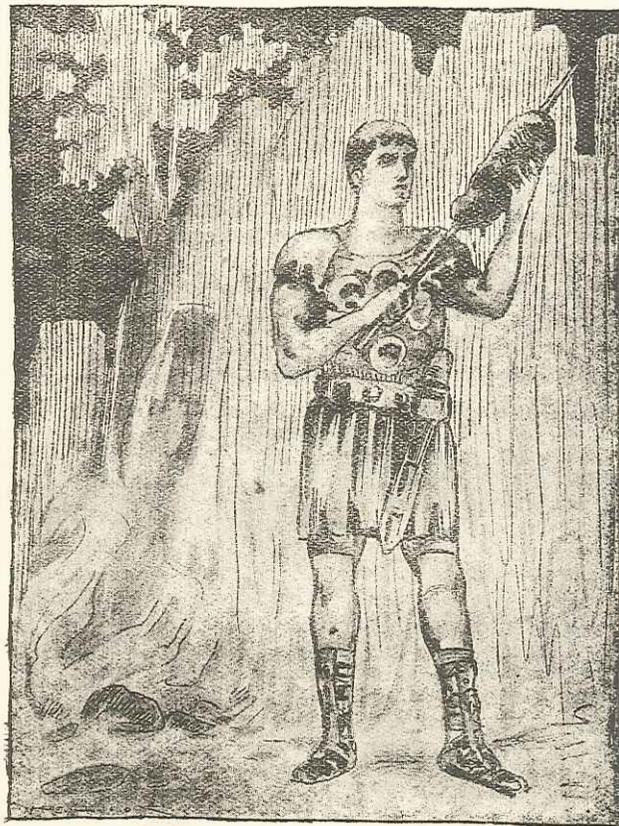
✱

Churrasco — O termo procede do hespanhol *churrasco*, que é o pão, ou guizado, que ficou tostado de mais. A acepção não condiz com a nossa iguaria, tão apreciada no Rio da Prata, no Chile e no Perú.

Elle já foi bem descripto, por Homero, na *Iliada*. No banquete que Achylles offereceu a Ulysses e a Ajax, vemos a fogueira feita, e, depois que ficou o brazido, Patroclo enfiar no espeto a carne que ia ser servida aos hospedes, collocando-o sobre pedras que funcionavam como trempes.

Vemol-o entre os arabes, na *diffa*, onde se assa um carneiro inteiro, para festejar o hospede.

E' analogo, entre nós, o processo. A carne é assada lentamente ao calor do fogo, sendo, a espaçosa, borrifada de uma leve mão de sal. Quanto mais demorada a operação, tanto mais saboroso se torna o assado, pois conserva todo o chorume. Nem sempre o sal entra em sua preparação, o que, aliás, o não desmerece. O mesmo se dava entre os gregos do sitio de Iliion, os quaes nem sempre



Patroclo enfiando no espeto a carne que deve ser offerecida a Ulysses e a Ajax. (Scena da *Iliada*, de Homero). (Desenho de Helios).

tinham o adubo tão necessario, e, por isso, o chamavam de sagrado. Mais apreciavel é com a jukitaia, molho tupi-guarany, feito de agua, sal, pimenta cumari, e, na falta desta, qualquer outra. Tanto a palavra, como a coisa, ainda subsistem entre nós.

Come-se o churrasco com farinha de mandioca secca, ou com farofa fria, que é a mesma farinha, molhada em agua com cebolla e salsa picada, quando ha taes temperos. Os napolitanos, levantando a cabeça e erguendo o braço, donde pende de dois dedos o tubo flexivel de macarrão, que elles fazem descer pela garganta sem quebral-o, não são mais dextros que os nossos campeiros em lançar, de longe, a farinha dentro da bocca, aos punhados. (V. G. Soares — Maneira dos indios levarem a farinha á bocca).

Um outro systema, mais raramente usado, é o chamado churrasco de moque, não só quanto á carne de quadrupedes, como de aves e de peixes. Os tupis e guaranys o applicavam, dando-lhe peculiarmente a denominação de biaribú, ou biariby. O padre Simão de Vasconcellos delle trata na *Chronica da Companhia de Jesus*. Assim o descreve Paulo Ribeiro :

«Processo de cozinhar a carne, abrindo covas no chão, cobrindo-as depois com folhas verdes, terra e lenha.» (*Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil*), vol. 2.º — *Memorias sobre as nações gentias*).

Este meio conserva, sem a minima perda, o perfume e os principios das viandas. As folhas verdes e a lenha empregadas devem ser escolhidas para não transmittir mão saibo á comida. A primeira parte tirada á rez, que se carneia, depois de coureada, é o *matambre*, que se offerece sobre as costellas do animal. O vocabulo é castelhano-

platino, de *mata e hambre*: mata-fome. E' o primeiro assado. Um dos mais apreciados é a picanha, palavra derivada do tupi-guarany, de copé-pecang, espinhaço, ou osso das costas. Por sentido translato, chamou-se á polpa que o reveste, como alcatra, em portuguez, é uma e outra coisa e, entre nós, caracú é o osso e o conteúdo. Os portuguezes chamam assém á picanha, donde o seu proverbio: «Carne de assém é pouca e sabe bem; mas não é para quem filhos tem».

Denomina-se tatú de carne a parte polpuda dos quartos, que serve tambem para churrasco. Parece provir o termo do guarany, de *tyty*. «Dizem, em algumas partes, os meninos á carne e ao peixe». (Montoya).

O assado-com-couro é outra especialidade de nossa arte culinaria. Elle é cortado da rez com a pelle preza e excedendo uns quatro dedos á carne, porque, sob a acção do fogo, tem de se encolher. (G. Soares — *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brasil* — vol. 14.º, pag. 244). Os tupis-guaranys comiam os assados de anta com-couro.

Na fogueira, a primeira parte exposta é a encourada, e, depois de bem sapecada, volta-se a outra face, que é assada ao calor lento do brazeiro, e assim alternativamente. Quente é de apreço, mas guardado como fiambre, para dias subsequentes, sóbe de valor, pelo gosto delicioso. Costellas assadas sobre as brazas... costilhar, sobre-costilhar

.....

.....

A parte que segue no manuscrito está ininteligível, porque foi o mesmo molhado, ficando as letras quasi apagadas, com muitas manchas de tinta. Entretanto, o que acima se lê já é sufficiente, já é muito, para se apreciar o merecimento do trabalho do director do antigo Instituto Brasileiro, ao escrever o seu *Popularium sul-rio-grandense*.

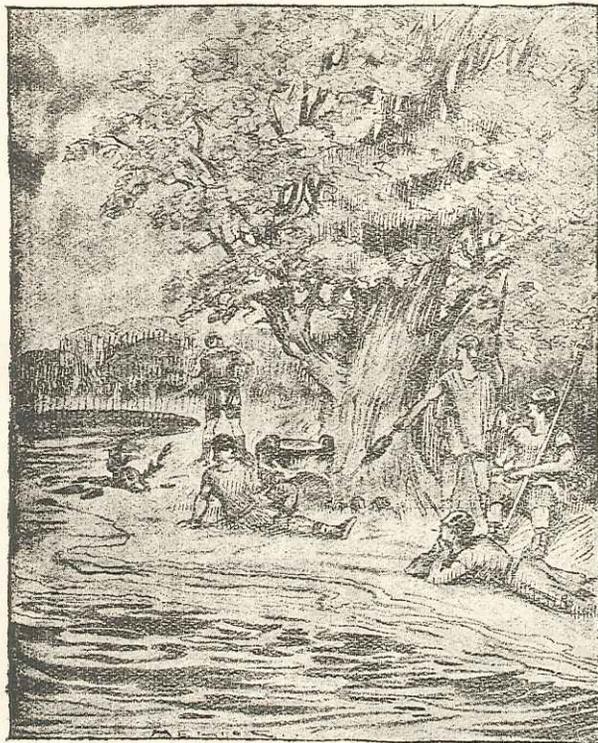
✱

Por um méro esquecimento, ou por simples distracção, talvez, deixou Apollinario Porto Alegre de citar, depois da *Iliada*, de Homero, a *Eneida*, de Virgilio (anno de 40, antes de Jesus Christo), cujo tumulo o governo da Italia adquiriu recentemente, para, no mesmo local, mandar construir um jardim, tornando, assim, mais viva a memoria do grande poeta latino.

Pois vemos tambem o churrasco, em uma passagem do notavel poema de Virgilio, e que é a seguinte, segundo Nisard :

Eneida — Livro I — Os troyanos (na praia) entregam-se aos preparativos para o seu selvagem festim. Des-

pojam os cervos, e põem a nú as suas entranhas. Uns os cortam em pedaços, fincando, em espeto agudo de páo, os seus membros ainda trementes; outros collocam, sobre



Scena da *Eneida*. (Desenho de Helios).

a praia, caldeirões de bronze, que a labareda atizada abraza. Então, reparam as forças, por uma abundante nutrição, e, deitados sobre a relva, refazem-se de carne selvagem, que regam com um velho Bacchus.

Eis os versos de Virgílio :

Ili se praedae accingunt dapibusque futuris :
Tergora deripiunt costis et viscera nudant,
Pars in frustra secant veribusque trementia figunt,
Litone aena locant alii flammis que ministrant.
Tum victu revocant vires, fusique per herbam
Implentur veteris Bacchi pinguisque ferinae.

A traducção de Odorico Mendes, a qual, a nosso vêr, poderia ser melhor, é a seguinte :

Lestos á presa atiram-se : este esfolia,
Aquelle desentranha, outro esposteja ;
Qual trementes no espeto enrosca os lombos.
Qual fogo atiza aos caldeirões na praia.
Fartos, na relva, espalham-se, refeitos
De velho Baccho e veação opima.

Mas, no fim de contas, Apollinario Porto Alegre, citando a *Iliada*, de Homero, citou tambem a *Eneida*, de Virgílio, que foi, daquelle, de modo ge-

nial, um grande imitador, assim como de outros poetas.

Diz-se mesmo que Virgílio, tomando Homero por modelo para a *Eneida*, fez, por assim dizer, num só poema, evidentemente maravilhoso, uma *Iliada* e uma *Odyssea*.

VI

PABULAGEM, PONGÓ, CABORTEIRO, ESPIA

Sabe-se que, no interior do Rio Grande do Sul, após um dia cheio de trabalho, os nossos campeiros costumam acocorar-se em torno de um fogo crepitante, ás primeiras horas da noite, quasi sempre em um galpão e, mesmo, ao ar livre. Dá-se isso, de preferencia, no inverno. Um pouco afastado do grupo, sonhador e entusiasmado, fica o tocador de gaita, o qual se faz ouvir incessantemente no “Boi barroso”, na “Chimarrita”, no “Quero mana”, na “Gallinha morta” e em outros “toques” muito usados na campanha. Por vezes, a gaita é acompa-

nhada pela viola de cordas metallicas e de pinho, instrumento este que já vae rareando.

Ahi, na posição de cocoras, muito commum em toda a America do Sul, felizes e contentes, *churrasqueando*, *pabulando*, *pitando* e *mateando*, entregam-se elles a uma alegre e amistosa palestra: um lembra certas peripecias do serviço, ou um desastre que esteve imminente e que, por um triz, não o victimou; outro narra — e isto nunca falta — os pormenores de alguma aventura amorosa.

Nessa occasião, quem delles se approximasse, mas que fosse extranho a esse meio simples e sincero, teria uma boa oportunidade de colher farta mêsse de vocabulos regionaes, cada qual mais interessante e original. Não os compreenderia certamente, em tal instante, e, si, em seguida, resolvesse meditar sobre a origem dos mesmos vocabulos, ficaria, com certeza, embaraçado, sem que pudesse explicar coisa alguma.

Pois a respeito, ainda no *Popularium sul-riograndense*, de Apollinario Porto Alegre, encontrá-

mos os termos seguintes, dois dos quaes já bastante conhecidos: *pabulagem*, *pongó* e *caborteiro*.

O primeiro é muito vulgar em todo o paiz, principalmente no norte; o segundo já fez época e parece destinado a desapparecer; o terceiro, na nossa campanha, é empregado a todo momento.

A *Encyclopedia Portugueza*, de Maximiano de Lemos, traz, apenas, isto sobre o primeiro:

Pabulagem, s. f. (Brasil). Mentira, embuste. Pedantismo.

O reverendo padre Carlos Teschauer, S. J., no seu *Novo Vocabulario Nacional* (3.^a série) sobre o mesmo substantivo, diz o seguinte, mas sem o *m* final:

Pabolage ou *pabulage*, s. f. Mentira, embuste.

«Já entertido a olhar aquelles ermos de tanta desolação e socego, ouvindo as *pabulages* do Anta, cariboca de fama... (C. Netto, «Treva», pag. 65) — ... «ando no lote com elles e com uma misturadinha e uma *pabolage* de estripo o mais mitrado». (C. Netto, *Turbilhão*, pag. 70).

Não encontrámos o vocabulo *pongó* nos dictionarios, mas, segundo nos parece, significa — palerma, atoleimado.

Caborteiro, que figura ligeiramente em alguns dictionarios, applica-se commummente ao cavallo, quando este é manhoso, veihaco.

Applica-se, tambem, ao homem, no mesmo sentido. “Não quero negocios com fulano, porque é um *caborteiro* de marca maior”.

✱

Apollinario Porto Alegre ouviu pronunciar as palavras a que acima nos referimos, pela primeira vez, aos 22 annos de idade, em 1866, pois nascêra em 1844.

Era já, então, professor de portuguez e, conforme elle mesmo affirma, julgava-se senhor do idioma que se fala no Brasil e em Portugal. Possuia a grammatica de Lobato e a de Soares Barbosa, assim como um, ou dois, jogos de dictionarios. Lêra a *Chronica da Guiné*, de Azurara, as *Ordenações do Reino*, as *Decadas*, de João de Barros, as *Cartas*, do

padre Vieira. *Os ciumes do bardo*, de Castilhos, e muitas outras.

Entretanto, si, naquelle anno, lhe perguntassem por que o nosso povo diminuiu a influencia do verbo portuguez falar, do latim *fabulare*, para ir buscar *pabular*, que, como o francez *parler* e o italiano *parlare*, ficaria mudo e quedo, sem poder responder.

E diz :

Estabelecido o facto, inquiria quem quizer das causas pelas quaes uma gente rude e ignorante se metteu com uma respeitavel lingua morta.

A proposito, conta o seguinte facto :

Numa faina de farinha, um peão, rusingando com outro que apertava os tipitins na prensa, teve forte pendencia em que me foi preciso intervir.

Dizia-me elle no auge da colera :

« — Veiu-me com *pabulagens* de *pongó*, ou *caborteiro*, umas coisas de *bambaé*. . . »

Mas, ante a parlenda do meu patricio, que, durante um bom quarto de hora, esbofou uma linguagem completamente alheia para mim, fiquei estatelado. Sem duvida, tinha mistér de recommear os meus estudos, refazel-os desde a

cumieira até aos alicerces. Eu nada sabia, e elle, o rude agricultor e campeiro, era mais digno da America do que eu. Era elle brasileiro e eu um manequim da Europa, deslocado no meio em que nasci, onde vivia e respirava, apesar de conhecer varias linguas, historia, philosophia e quejandas materias.

Mais adiante, no mesmo tom, acrescenta :

Para o meu paiz não lhe queria só a emancipação politica; almejava-lhe mais, desde então, a independencia litteraria e scientifica. Desde essa época, tornei-me um revolucionario ás direitas. Da Europa, só aproveitaria o saber e os methodos. Eis por que me iniciiei no tupi-guarany, no quechúa, no caraiba e no bantú.

✱

Em seguida, o *Popularium* occupa-se dos processos do tupi-guarany, os quaes não foram extranhos ás linguas litterarias mais conhecidas, que actualmente os occultam sob as reliquias esborcinadas de seus vocabulos.

Em tupi-guarany, *teçá* quer dizer olho. Com esta palavra, diz Apollinario Porto Alegre, passaram para o glossario brasileiro muitos termos de uso vul-

gar sob a fórma *çá*, ou *sá*. E menciona, em primeiro logar, o verbo *espiar*, de circulação geral, e que se compõe de *teçá*, olho, e de *piá*, prompto, rapido, presto.

Sylvio Romero não o quiz admittir. Entretanto, o verbo *acepiac*, que traz a grammatica tupi, do padre Figueira, assim como a do padre Anchieta, affirma o autor do *Popularium*, "não foi inventado por elles, mas pelos brasileiros."

Existia outr'ora em portuguez — diz Apollinario Porto Alegre, — com fraca circulação, significando restrictamente o que se espreitava, para contar e denunciar, algo como o *bombeiar* do Rio Grande do Sul e das Republicas platinas.

O *cepiac* (*sepiac*), corresponde exactamente á raiz *spcee* das linguas aryanas, «raiz tão rica em derivados» (Max Müller — *Lectures on the Science of language* — 1866, pag. 288), e que inconscientemente usamos todos os dias. Que culpa têm os tupis, os guarany e os brasileiros da identidade desta radical, como de quasi todas as outras da mesma proveniencia ?

De *teçá*, *çá*, os nossos indios compuzeram multiplos vocabulos, que passaram á linguagem vulgar no Brasil.

Da mesma procedencia, o *Popularium* registrou

muitos vocabulos, dos quaes damos abaixo um resumo de alguns dos mais conhecidos :

Sapiranga (*çapiranga*), olhos vermelhos, ophthalmia.

Sapiroca, (*çapiroca*), composto de *çá*, *pirá*, pelle, e *oca*, tirar, olhos esfolados, ophthalmia.

Sahira (*çahira*) (*tanagra*), olhos alegres.

Sanhasso (*çanhiassú*) (*tanagra viridis*), por grande, porque é maior. No norte, dizem *sanhassú*, que é certo.

Saracura (*çaracura*) (*gallinhola*), de *çari çá*, ter cuidado, estar com olhos fitos. No Maranhão, dizem, com mais correção, *sericoia* e, também, *saracura*.

Sabiá (*çabiá*), (*turdos*), olhos inquietos, vivos.

Suassú (*çuassú*) (*cervus*), olhos grandes.

Sussuarana (*çussuarana*). E' o que chamam leão, no sul. Quer dizer : o que é semelhante ao veado.

Sussuayá (*çussuayá*), herba do matto.

Sapucaia (*çapucaia*) (*hecythis*), arvore, procede

de *çá*, olhos, e *pucá*, risonhos, por causa do fructo que alegrava os indigenas.

Ainda com a mesma raiz, o *Popularium sul-rio-grandense* registra outros curiosos vocabulos, que Apollinario Porto Alegre examina minuciosamente, sempre com clareza e o maximo cuidado.

VII

CAMBICHO, BANZÉ - DE - CUIA

Segundo nos parece, não ha em todo o Estado do Rio Grande do Sul e, talvez, no paiz inteiro quem já não tenha ouvido pronunciar a palavra “cambicho”.

E' esse um vocabulo de vasta circulação em todas as nossas camadas sociaes. Conservando, em essencia, a mesma significação, tem, entretanto, applicações differentes.

Disseram-nos que no Rio de Janeiro, naturalmente por ser a maior cidade do Brasil, é muito corrente o seu uso. Sendo assim, não podemos comprehender como Moraes e Silva não o recolheu para

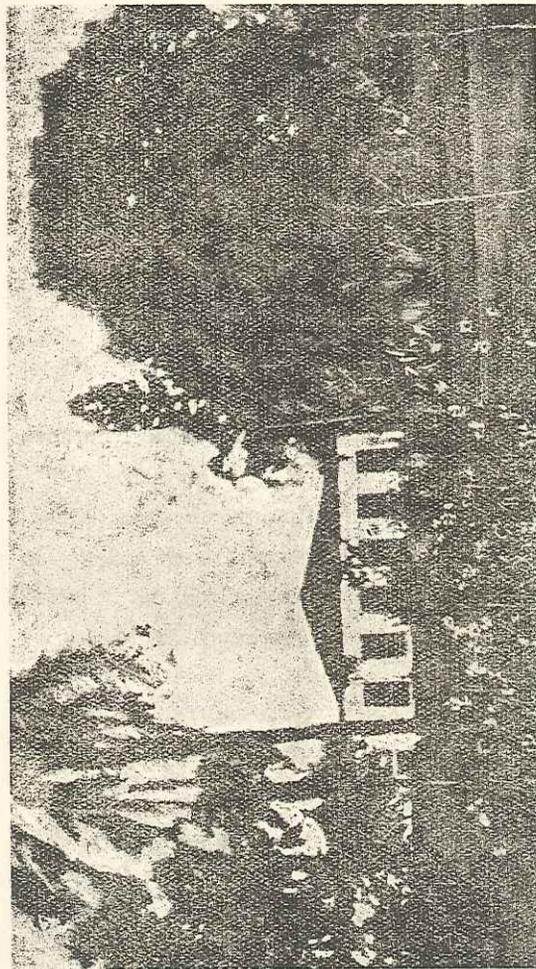
o seu magnífico *Diccionario de Lingua Portuguesa*. Também o *Novo Vocabulario Nacional* (3.^a série), do reverendo Carlos Teschauer, S. J., não o traz. Em Portugal, não se conhece tal termo, porque os seus lexicographos, pelo menos os que conhecemos, como, entre outros, Caldas Aulete e Maximiano de Lemos, igualmente não o colligiram.

Si todos os vocabulos fossem tão conhecidos como o de que nos occupamos, não teria tido Apollinario Porto Alegre tanta difficuldade em organizar, ou, antes, em uniformizar o seu *Popularium sul-rio-grandense*, porque ainda, de quando em quando, surgem vocabulos extranhos no nosso meio.

A fronteira está crivada de hespanholismos. Por outro lado, no norte do Estado, usam de vocabulos, que ainda não chegaram até aqui, sendo também desconhecidos na zona fronteiriça.

✱

Ha dias, conversando com um amigo, muito dado ao estudo dos vocabulos e dos proverbios re-



Casa Branca, retiro de Apollinario Porto Alegre, que ali escreveu grande parte dos seus trabalhos. Vê-se o ombú á sombra do qual churrasquearam o general Bento Gonçalves, o grande José Garibaldi e outros chefes da revolução de 35.

gionaes e muito observador, e que conhece perfeitamente a significação da palavra *cambicho*, disse-nos:

— Na Camara Federal, não ha muitos annos, um deputado, respondendo a outro, empregou o termo em questão, mas transformado em verbo, no participio passado.

— Ironicamente, já se vê.

— Sim, ironicamente. E foi isso, por certo, o que todos os que se achavam no recinto compreenderam. A phrase foi esta, mais ou menos: “O meu nobre collega, no discurso que hontem proferiu nesta casa, demonstrou claramente estar *encambichado* á corrente que se oppõe á passagem do projecto”.

— E o deputado, a quem eram dirigidas aquellas palavras, não protestou ?

— Não. Alguns ficaram indifferentes, e outros limitaram-se a sorrir com discreção, o que prova, á evidencia, que, não só conheciam elles a significação do termo, como tambem este e outros vocabulos de procedencia indigena se adaptam admiravelmente á nossa linguagem ironica.

✱

Agora, vejamos o que, a respeito, diz Apollinario Porto Alegre :

Os dictionarios portuguezes, com relação ao Brasil, andam sempre muito longe de nós. Assim é que abro o dictionario de frei Domingos Vieira e encontro, no vocabulo *cambicho*, por unica explicação : «Sentido incerto».

Depois de dizer que Frei Domingos Vieira, calçado de Santo Agostinho, limitou os dominios geographicos da lingua, prosegue :

Quem, entre nós, não conhece o termo ?

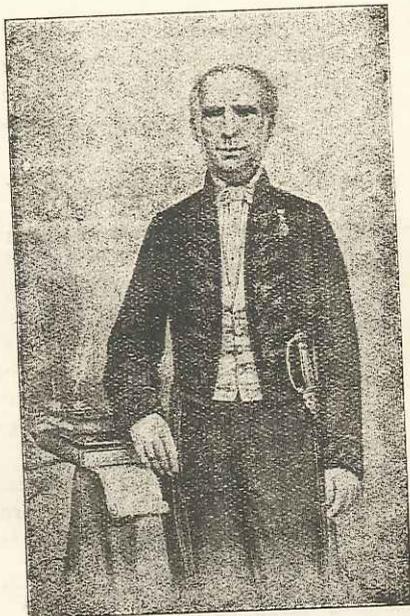
Significa arrastamento fatal dum individuo para uma mulher, namoro de que elle não se pôde desprender, embora se esforce. Em sentido mais generico, significa requisição, galanteio.

Andar com *cambicho* equivale, ao portuguez, arrastar a aza, fazer a côrte, estar apaixonado. No proprio Rio Grande do Sul, é synonimo de arrastar cambão, andar pelo cabresto e outras fórmulas rusticas.

Sua origem é do tupi-guarany. *Ay-quambice* quer dizer: desposar-se e, traduzido literalmente, segurar-lhe a mão (Montoya).

Esta fórmula é posterior, pois, á descoberta da America, porque relembra uma cerimonia meramente christã.

Da idéa de se desposar provém provavelmente a de se prender, de se ligar a outrem. A propria palavra desposar, em sua origem, conserva a significação de se ligar



Antonio Alvares Pereira Coruja (1806 — 1887), autor de varias obras e do *Vocabulario Rio-Grandense*, anterior ao de Romagueira Corrêa e aos trabalhos de Apollinario Porto Alegre.

por promessa, juramento, ou contracto. Vem do latim *sponsare*, fórma verbal de *sponsus*, que é o participio passivo de *spondere*, empenhar sua palavra e sua fé (Roque y Barcia). Esposas de Christo chamavam ás religiosas, o que é applicação translata da palavra no sentido moral. Esposas denominavam-se, no antigo portuguez e hespanhol, as algemas que uniam os pulsos dos criminosos, o que é emprego tropologico do termo, no sentido physico.

Ay-quambice procede de *ay*, particula verbal e reflexiva de *quã* = *puã*, dedo e latamente mão; de *picu*, tomar, pegar, segurar. Pássando para a linguagem vulgar, soffreu o vocabulo algumas modificações, como o deslocamento do accento tonico para a penultima syllaba.

Fizemos tambem o verbo *encambichar*. Muitos outros vocabulos, frei Domingos Vieira traz como de sentido incerto.

✱

Banzé-de-cuia pertence á nossa giria popular. Os dictionarios portuguezes trazem *banzé*, como provavel procedencia do japonéz, significando desordem, chinfrin, festa ruidosa.

Temos ouvido de populares phrases, mais ou menos, como esta: "Naquella esquina está um *banzé-de-cuia* perigoso". A nossa baixa giria for-

mou, dahi, outras expressões grosseiras, mas tendo a mesma significação.

Apollinario Porto Alegre acha que *bansé-de-cuia* é uma criação espúria do bantú e do guarany. *Bansé* vem da primeira lingua e *cuia* da segunda, de *côe*, falar, e que dá o substantivo *coyã*, alarido, murmúrio, ruído de taberna.

E diz :

Creio que o accento de *bansé*, que provém de *banza*, viola dos negros de Angola, já é obra dos indios, que sempre o avançavam, ao passo que os portuguezes o recuavam, como ainda se vê em *coyã*, de que fizeram *cuia*. Assim também fizeram de *coxé*, *coxó*; *bobó*, *bobo*; *cotó*, *coto*; *dandá*, anda. Pirraças physiologicas da glottis de ambos.

✱

Damos a seguir um resumo de alguns derivados de *ita*, mais conhecidos no Rio Grande do Sul, perdendo, ás vezes, o *i* inicial :

Itapuã, rocha erguida, ou redonda.

Ita-culumi, rocha erguida, de superficie aspera.

Ita-puy, rio dos Sinos.

Ita-quy, pedra de amolar.

Tacurú, por *ita-curú*, monticulos de argilla endurecida muitas vezes formados pelo cupim, e que se amontoam nos banhados.

Taimbé, por *ita-aymbé*, pedra aguçada e aspera como pedra pomes (Montoya). Despenhadeiro, ou precipicio, formado por pedras geralmente fendidas.

Itanhei, talvez por *itanhen*, soar como uma pedra em que se bate.

Itaipava, por *ita-ipaba*, arrecife, ou banco de pedra dum rio que dá váo. Em Montoya, *ita-ipá*, baixo, arrecife, váo.

②

VIII

PROMODE, VERBO HOSTAR, OBRIGAÇÃO, CAMBOTA, NUEL

Hoje, deixaremos de parte o *Popularium sul-rio-grandense* e, seguindo o mesmo ponto de vista, daremos alguns vocabulos extraídos da *Viagem á Laguna*, interessante trabalho tambem de Apollinario Porto Alegre, escripto, mais ou menos, ha trinta annos, e publicado no *Jornal do Commercio*, desta capital, então, de propriedade e direcção do nosso illustre amigo e collega Achylles Porto Alegre.

Nessa pequena obra, — que, a nosso ver, é da maior importancia e que os nossos patricios deveriam ler com a maxima attenção, pois encerra mui-

tos ensinamentos sobre as populações primitivas do Rio Grande do Sul e de Santa Catharina, sobre os pampas e a sua geologia, sobre as riquezas das nossas florestas virgens e a utilização das madeiras. — o autor faz uma bella e instructiva descripção da viagem e apresenta muitos termos curiosos, de procedencia indigena, hespanhola e açoriana. E' destes ultimos que nos occuparemos no presente artigo.

Apollinario Porto Alegre conhecia bem a época em que viveu, assim como o nosso passado, que elle estudava com afinco, explicando claramente, em face da historia e das sciencias naturaes, tudo quanto lhe passava sob o olhar investigador e penetrante. Escreveu, assim, um livro de reflexões sinceras, um livro de leitura attraente, um livro cheio de impressões, ora pittorescas e artisticas, ora scientificas. Saint-Hilaire, Darwin, Levingstone, ou um literato, de fama, poderiam assignal-o com confiança, tendo a certeza de que, com isso, em nada prejudicariam o seu renome.

Em uma viagem, qualquer que ella seja, por mar, ou por terra, curta, ou longa, sempre se tem

o que ver e analysar, mesmo em planicies e montanhas, em penhascos, em pantanaes, em deserto arido, em pleno mar. Os panoramas succedem-se, a cada instante, e só um espirito indifferente pôde deixar de os admirar.

Mas, agora, não estamos cuidando do livro em questão, mas de alguns vocabulos que o mesmo traz. Entretanto, por julgar de utilidade, principalmente para a nossa mocidade estudiosa, damos a seguir, extraida da *Viagem á Laguna*, a opinião de Apollinario Porto Alegre sobre os mais conhecidos lexicographos :

Quasi nada se encontra nos dictionarios, porque, excepção feita de Bluteau e Moraes, quasi todos os lexicographos são atrazados um seculo em assumptos glossologicos, inclusive Aulete, que fez um trabalho, talvez, só para a Estremadura, Aléntejo e Algarve, e não para o resto de Portugal, suas colonias e o Brasil.

Já estava, então, publicado o monumento de Littré erigido á França, em 1878; Roque y Barcia na Hespanha, imitando o sabio francez, sinão com tanta segurança, ao menos applicando os seus processos scientificos, seguira-lhe as pégadas, em 1880; mas, elle, desapiedado com illustres antecessores que estiveram na altura do seu seculo, elle, publicando o seu trabalho em 1881, ficou distanciado

de todos, até na inovação da pronuncia figurada, que é, em muitos pontos, contra as regras idiomaticas do portuguez.

Constancio copiou Moraes, a quem mordisca com dente envenenado, e imagina etymologias abstrusas, sem discernimento e sem filiações historicas.

Faria e o academico Lacerda nem se distinguem pela imitação fiel.

O lexico de frei Domingos Vieira, editado por Char-dron, traz emfim, além de copioso subsidio para o estudo da lingua em sua evolução atravez dos tempos, o magnifico portico erecto por Adolpho Coelho, o eminente glottologo portuguez, que infelizmente, por interesses de balcão, não poude dirigir e inspecionar a publicação da obra.

Depois que o autor do *Popularium sul-rio-grandense* escreveu as linhas que acima se lêem, o *Dictionario Contemporaneo*, de Aulete, teve varias edições, com pequenas modificações, dando algumas palavras de origem brasileira. Apareceram, tambem, a *Encyclopedia Portugueza*, de Maximo de Lemos, e outra encyclopedia, tambem portugueza, e de que ha pouco se fez grande reclamo. Essa, porém, foi editada mais para fins mercantis do que com o intuito de instruir, estampando apenas, como novidade, algumas informações sobre a grande guerra;

cuja historia, ainda em parte, necessita de muitos esclarecimentos.

✱

Daremos, em primeiro logar, um termo muito conhecido entre a classe culta, mas não usado, e que desperta riso, tendo ficado popular sómente entre os analfabetos.

E' o *promode* (diz-se tambem *pramode*), que é a contracção da allocução adverbial "por amor de"... "E", aliás, diz Apollinario Porto Alegre, um processo regular e não uma anomalia. Destôa aos nossos ouvidos, porque ficou circumscripto á comarca de rusticidade".

O *Dialecto Caipira*, do sr. Amadeu Amaral, illustre jornalista brasileiro, não o traz, o que demonstra que tal termo não é usado no interior de São Paulo. Em Santa Catharina, é elle empregado constantemente, não só nas cidades, como entre os camponezes. No Rio Grande do Sul, já vae, aos poucos, desapparecendo, sendo ainda usado raras vezes, entre pessoas incultas. Procede dos açorianos,

que, a cada momento, tinham sempre pendente dos lábios a locução *p'r' amor de Diu*.

Obrigação, familia. O lexicographo Bluteau affirma que o termo é rustico da Beira, que o passou para os Açores, vindo dahi para nós. Quando os camponezes se encontram, depois dos primeiros cumprimentos, vem logo a pergunta: "Como vae a *Obrigação*?"

Diz Apollinario Porto Alegre que, por vezes, surge um vocabulo da mais remota antiguidade, e que os lexicos, apesar de ser ainda um organismo vivo, resto que sobrevive das primeiras formações da lingua, nunca o recolheram.

E acrescenta :

Tal é o caso do verbo *hostar*, hospedar, e que não é erroneo, pois, no latim, *hostis*, não só significava o estrangeiro que se recebia em casa, á mesa, o hospede, por consequencia, bem como o inimigo. Os romanos, como os outros povos, no seu periodo primitivo, consideravam os estrangeiros, aquelles que não lhes falavam a lingua, como inimigos; dahi o proloquio latino: *Hospes, hostis*.

Por isso, *hostar* de *hostis* e hospedar de *hospes* são derivações normaes. A differença é que um pertence ao

nucleo primario da formação da lingua portugueza e o outro é de data mais recente.

O verbo *passar-se*, com o sentido de ter deliquio e morrer, assim como as fórmias verbaes *despida-se*, por despeça-se, *mida* por meça, "accusam — diz o autor da *Viagem á Laguna* — o passado quinzentista que está a expirar ás portas de Porto Alegre."

O morro de Sant'Anna, antigo rincão de S. Francisco, para o respigador dos termos de procedencia açoriana, não levando em conta a seára de contingentes quechúas, guaranys e bantüs assás farta, era como um microcosmo do Rio Grande do passado.

A proposito, diz :

Em outras partes, tenho encontrado outras fórmias. Assim *rancho*, ainda usual nos Açores, com a significação da palavra ingleza *pick-nick*, donde fizemos pique-nique, por intermedio do francez, e, como colateral, apparecia a synonymia *farrancho*. Em vez do inglez *lunch*, empregava-se o vocabulo merenda, que, entre os romanos e no portuguez continental, constituia ligeira refeição entre o jantar e a ceia, mas, entre nós, é entre o almoço e o jantar. Muitos, para exprimir o mesmo, diziam tambem *fazer ás onze*,

não querendo, por ventura, confundir com merenda, de *meredies*, meio dia.

Isso demonstra que podíamos perfeitamente dispensar os anglicismos.

O amor á dança, á musica, ao theatro, ás festas ruidosas, como o carnaval, as cavalhadas, tudo isto é commum aos Açores e aos tres Estados do sul. A *chimarrita*, entre outras dansas que faziam a alegria dos nossos avós, é de procedencia açoriana, e lá a denominam *chamarita*.

Nos tres Estados, ha religião sem fanatismo, como nas ilhas, e com a maxima tolerancia para com alheios cultos. Mas, uns e outros amam a pompa nas solemnidades. E' por isso que a festa do Espirito Santo, de origem alle-mã, se acclimou no archipelago e viçou mais do que em nenhuma outra parte, excepto no Brasil meridional.

Cambota, camba de rodado. Os dictionarios trazem esse vocabulo, mas com outra significação, como *Aulete* e outros. O typo do rodado açoriano é todo massiço e compacto, como se póde ver em certas carretinhas que, aqui conduzem lenha.

Nuel, implume, sem pennas, como em ave, pinto, ninhada, passarinho *nuel*. Ao tempo de Apollinario Porto Alegre, nenhum dictionario o trazia. Entretanto, o *Diccionario Pratico Illustrado*, luso-brasileiro, publicado sob a direcção de Jayme de Se-

guier, e que temos á vista, o recolheu deste modo :

"*Nuelo*, recém-nascido. Implume."

O bello e instructivo trabalho, denominado *Via-gem á Laguna*, traz ainda outros vocabulos de procedencia açoriana e do portuguez continental, assim como do hespanhol, do tupi-guarany e do bantú, dos quaes opportunamente nos occuparemos.

IX

CHARQUE

Qual é a origem do nosso vocabulo *charque*.

Foi essa a pergunta que ha dias, na praça Senador Florencio, em ligeira palestra, enquanto esperavamos um bond, nos fez o illustre homem de letras sr. Alcides Maya, que, como se sabe, se dedica, com amor e competencia, ao estudo de tudo quanto diz respeito á historia do Rio Grande do Sul, a qual analysa minuciosamente, sendo esta, mesmo, uma das mais apreciaveis manifestações de sua bella intelligencia.

Respondemos-lhe que Apollinario Porto Alegre, sem fazer grande investigação nesse sentido,

no seu *Popularium sul-rio-grandense*, acha que o termo *charque* procede do quechúa.

Retrucando, o nosso interlocutor disse suppôr que tal palavra viesse do arabe, *cherca*, que quer dizer carne salgada posta ao sol para seccar.

Um momento depois chegou o bond esperado, interrompendo, assim, a nossa palestra, justamente na occasião em que ia ella entrar na sua phase mais interessante e attraente : na troca de impressões.

E ficamos a pensar sobre o assumpto.

Como poderia ter vindo do arabismo a procedencia do referido vocabulo ? Qual era a razão dessa supposição ?

Nas estatisticas das nossas primeiras exportações, ha cento e tantos annos, citadas pelo visconde de S. Leopoldo, nos seus *Annaes da Provincia de S. Pedro do Sul*, e por A. de Saint-Hilaire, esse producto já figurava com a mesma denominação de *charque*.

Não nos consta que, nessa época, existisse, aqui, a formação arabica, de Portugal, ou da Hespanha.

O portuguez açoriano e o continental poderiam ter trazido o vocabulo *cherca*, de formação arabica, vindo dahi o nosso termo *charque*. Em Portugal, porém, dá-se-o como de origem brasileira, conforme se pôde verificar nos seus dictionarios.

De sorte que, por esse lado, por mais tratos que déssemos á imaginação, não encontrámos explicação alguma accetivel.

Quanto á procedencia do quechúa, *charki*, todos os indicios são favoraveis.

Os incas occupavam, na America do Sul, sobre o Pacifico, o territorio que hoje pertence ao Perú. Era, pois, muito mais facil que, por intermedio dos nossos selvicolas, vehiculo rapido e seguro, provavelmente o charrúa, viesse de lá o vocabulo.

Poderia ser, ainda, que os hespanhóes, com a conquista, levassem o arabismo para o Perú.

Mas, nesse caso, o mesmo teriam feito para as Republicas platinas e outras, o que, ainda, ao que sabemos, não se verificou.

Não se tratará de uma semelhança de vocabu-

los entre povos diferentes, com igual significação, como já tem sido observado ?

Quem sabe !

✱

Para maior clareza e melhor compreensão dos leitores, que pacientemente acompanham estas linhas, vamos transcrever, a seguir, o que dizem, sobre a palavra *charque*, alguns lexicographos e, por ultimo, daremos, tambem, a opinião de Apollinario Porto Alegre.

De Caldas Aulete :

Charque (xar-ke), s. m. (brasileiro), preparação da carne secca para exportação. P. U. *enxercar*.

Enxercar (en-xer-kár). v. tr. e intr., fazer a enxerca da carne. (No Brasil diz-se *charquear*). (F. arabe: *char-raca*, seccar ao sol carne salgada.

De Jayme de Seguiet :

Charque. s. m. (do quechúa *chharque*, (brasileiro). Carne salgada e secca. Preparação dessa carne.

De Moraes e Silva :

Xarque. s. m. No sul do Brasil, principalmente no Rio Grande do Sul, assim chamam ás carnes feitas em mantas, salpicadas de sal, e curadas ao sol, que transportam para vender; talvez daqui se derivou *enxercar*, *enxercado*, *enxerqueira*, etc.

De Apollinario Porto Alegre :

Charque (do quechúa *charki*), carne secca. Os hispano-americanos têm as seguintes palavras: —*charque*, *charquear*, *charqueada*, *charquecillo*, *charqui*, *charquican*.

Fizemos as seguintes palavras deste thema: *charki* :

Charque, carne secca salgada.

Charqueação, acção de *charquear*.

Charqueada, fazenda onde se prepara o *charque*.

Charquear, desfazer a carne em mantas para seccar.

Charqueador, o proprietario de *charqueada*, ou o que desfaz a carne em *charque*.

Charqueiro, o preparo da carne em *charque*.

Charque de vento. Diz Coruja :

«E' o *charque* preparado com pouco sal e secco á sombra: faz-se de carne de vitella, ou de vacca propriamente dita; e as mantas são mais finas: este *charque* não pôde ser exportado por ser de pouca duração.»

Como se vê, entre os quatro mestres da lingua que acima apontámos, Apollinario Porto Alegre é

evidentemente o mais explicito, o mais claro, aquelle que melhor satisfaz a curiosidade dos interessados por estas cousas. Assim, poderão os leitores tirar a conclusão que mais acertada lhes pareça sobre o assumpto, isto é — sobre a procedencia do vocabulo: do arabismo, ou do quechúa.

*

Na imprensa daqui, do Rio de Janeiro, de S. Paulo e certamente de todo o paiz, assim como no commercio e nas estatísticas, costuma-se escrever a palavra *charque* com *x*, que é errado, embora Moraes e Silva o traga com *x*, e não com *ch*, que é correcto.

Por que ?

Excepto Moraes e Silva, os dictionarios trazem o termo com *ch* e não com *x*, mas, como é notorio, nós insistimos em escrevel-o com *x*. Ou isso vem do costume, que temos, em tornar as coisas mais faceis, ou, então, do espirito de contradicção, sempre prompto em fazer torto o que é direito.

— Ora, ora, — dirá alguem — com *'ch*, ou com *x* a pronuncia é a mesma. Portanto, com *x*, é mais facil, é menos uma lettra na primeira syllaba, escreve-se mais rapidamente . . .

E ficou encravado em nossos habitos um erro grammatical, muito facil de corrigir, mesmo porque, si a etymologia serve como poderoso auxiliar da historia, devemos ser fieis a esta, em tudo e por tudo.

②

X

P A G O S

No Rio Grande do Sul, especialmente na campanha, é muito usado um vocabulo, do qual geralmente se ignora a origem, não sendo poucos aquelles que pensam ser o mesmo criação dos nossos patriocios, sempre tão ferteis na formação de ditos e de palavras que bem lhes traduzam o pensamento.

Referimo-nos ao termo *pagos*, já tantas vezes decantado pelos nossos poetas populares, sendo, por isso mesmo, repetido a cada instante.

Pagos deriva-se do latim *pagus*, que quer dizer lar, habitação, ou logares visinhos, onde alguém mora, ou onde nasceu. Usa-se no plural : “Tenho saudades dos *pagos*”; — “Vou para os meus *pagos*”.

A Galia (antiga França) tinha a sua divisão territorial em cerca de 400 pequenos povos. Cada um desses povos tinha a denominação de *pagus*. A divisão era feita deste modo: *pagus* agathensis (Languedoc), *pagus* Aliardensis (Gironde), *pagus* Albigenensis (Tarn), *pagus* Albionensis (Vaucluse) e assim por diante.

Os lexicographos portuguezes dizem que o vocabulo é brasileiro, mas que procede do latim. Não se comprehende bem tal definição. E' certo que o termo procede do latim. E' certo tambem que os gaúchos não iriam revolver "uma respeitavel lingua morta", como diria Apollinario Porto Alegre, para escolher um termo que exprimissem fielmente o seu sentimentalismo, ou as saudades dos logares em que se criaram.

A verdade é que o vocabulo foi trazido para aqui pelo açoriano, pelo portuguez continental, ou pelos padres missionarios.

O proprio Caldas Aulete diz, o que não é uma novidade, que as palavras portuguezas, na sua grande maioria, são latinas, ou recebidas directamente

da bocca dos romanos, que dominaram, por seculos, as Hespanhas, ou do latim lido, não só nos documentos ecclesiasticos e legislativos, mas nos autores da alta latinidade e nos livros scientificos, porque toda a sciencia, até ao seculo XVIII, era escripta em latim. Os primeiros elementos, que appareceram da lingua vernacula, encontravam-se nos monumentos epigraphicos e nos documentos em pergaminho do seculo IX e subseqüentes, todos escondidos no latim rustico.

Diz o autor do *Diccionario Contemporaneo* que, para a formação dos termos de origem latina, apparecem dois elementos: o popular e o literario.

O popular era recebido, pelos ouvidos, e, pelos olhos, o literario. O elemento popular foi que deu a feição do portuguez primordial.

Não será esse o nosso caso? Não virá dahi, de tão longe, no passado, o nosso termo *pagos*?

*

Para maior clareza do nosso assumpto, faça-

mos um pouco de historia, posto que em dose muito reduzida.

Ao tempo em que os romanos dominavam as Hespanhas, por mais de duzentos annos, começando pouco antes do apparecimento de Christo, a Peninsula Iberica era dividida em tres grandes Provincias: Lusitania, Tarragona e Betica. A primeira occupava um vasto territorio entre o Douro e o Tejo. O resto do Portugal de hoje pertencia á Provincia de Tarragona.

Os romanos não só dominavam as Hespanhas, como tambem todas as Galias, uma grande parte da Gran-Bretanha, a Illyria, a Germania até ao Elba, a Africa e os seus desertos impenetraveis, a Grecia, a Thracia, a Syria, o Egypto, todos os reinos que compunham a Asia Menor e outros.

Por toda parte do mundo de então, os romanos fizeram respeitar a sua potencia e estabeleceram leis.

Não podemos deixar de transcrever aqui um trecho das lições de historia que Bossuet, bispo de Meaux, dava ao delphim, filho de Luiz XIV, e que, digamos de passagem, não as aproveitou. Naquelle

seu estylo suave, muito claro, correctissimo, assim se expremia o notavel historiador :

Monsenhor, chegamos, enfim, a este grande Imperio, que se apoderou de todos os Imperios do Universo, donde saíram os maiores Reinos do mundo que nós habitamos, de que ainda respeitamos as leis, e que devemos, por consequencia, conhecer melhor do que todos os outros Imperios. Comprehendeis bem que falo do Imperio Romano. Vistes já toda a sua longa e memoravel historia. Porém, para comprehender perfeitamente as causas da elevação de Roma, bem como as das grandes mudanças por que passou, deveis pensar attentamente, não só nos costumes romanos, como nos diversos tempos de que dependiam os movimentos do Imperio.

De todos os povos do mundo, o mais ativo e o mais ousado, mas, tambem, o mais regrado nos seus conselhos, o mais constante nas suas maximas, o mais avisado, o mais laborioso, enfim, o mais paciente, foi o povo romano. Com tudo isso, o vasto Imperio formou a melhor milicia, assim como a politica mais providente e mais firme.

O fundo de um romano, por assim dizer, era o amor pela liberdade e pela patria. O amor de uma o fazia amar a outra, visto como, porque amava a liberdade, amava tambem a patria, esta como mãe que o nutria nos sentimentos igualmente generosos e livres.

Sob o reinado de Augusto, as Hespanhas ficaram definitivamente organizadas. Comprehendiam

26 colonias, 16 municipios, 61 cidades, que gozavam do *jus latii* (direito latino), 189 outras cidades autonomas, 191 ditas *stipendiariae* e 114 *communas* ruraes.

Os imperadores dedicavam, então, especial atenção ás Galias e ás Hespanhas. A agricultura e o commercio prosperavam. As cidades eram ligadas por longas e confortaveis estradas e aqueductos. A ponte de Alcantara e varios templos em Portugal, os aqueductos de Tarragona e Murida, trechos daquellas vias romanas, por onde eram conduzidos os productos e por onde transitavam as hostes victoriosas, provam claramente, ainda hoje, a solitudine dos imperadores.

Naquelle tempo, de 201 antes de Christo a 409 depois, na Peninsula Iberica, só se falava o latim.

Nasceram nas Hespanhas os imperadores Trajano e Adriano, este filho adoptivo daquelle, a quem succedeu.

Eram tambem naturaes das Hespanhas os dois Seneca, pae e filho, tendo sido o ultimo preceptor de Nero, que, suspeitando que estivesse elle envol-

vido numa conspiração, lhe ordenou que abrisse as velas; Martial, poeta de epigrammas, licencioso, mas elegante; Quintiliano, autor da *Instituição oratoria*, e outros escriptores e poetas notaveis.

✱

Como acabamos de ver, os romanos eram laboriosos. Entregavam-se, com amor e actividade, aos rudes trabalhos da agricultura. Entre os senadores, alguns cultivavam, com proveito, as terras, que só deixavam, quando os interesses da politica reclamavam a sua presença.

Tinham grande patriotismo, um patriotismo que, uma vez longe dos *pagos*, lhes despertava uma idéa fixa, um desejo ardente: voltar...

Devemos, pois, suppôr que os romanos, como os nossos gaúchos, que tambem têm sentimentos generosos, amam a patria e a liberdade, cantassem as saudades da terra natal, as saudaes da aldeia, as saudades do lar.

Passaram os seculos. Os costumes modifica-

ram-se, por certo. Alguns, porém, enraizaram-se na alma popular e ficaram, do mesmo modo que muitos monumentos romanos. Ficaram e, com a conquista do Brasil, foram trazidos para aqui pelo açoriano, pelo portuguez continental, ou, mesmo, pelos jesuitas das antigas missões.

Vieram para aqui também as inscrições latinas, muitas das quaes misturadas com o portuguez, como as que se lêem nas egrejas, nos estabelecimentos publicos e religiosos e em sepulturas. No portico do nosso Seminario do Arcebispado, ha tres inscrições latinas: uma ao alto: *Sebastianus Dias Larangeira — Pontifex a Fundamentio Erexit — An. Dom. MDCCCLXXXVIII quo ipse a vita decessit. Sebastião Dias Larangeira — Pontifice — erigiu desde os fundamentos — Anno do Senhor 1888 no qual o mesmo falleceu*; outra em uma parede ao lado do portico: *Joannes Grunewald fecit* (João Grunewald fez).

A Intendencia Municipal de Porto Alegre fez gravar em uma lapide de marmore, na grande bacia do reservatorio d'agua da nova hydraulica, a seguin-

te inscrição: *Pro Salute Civium Aedilitas Fecit* (A Intendencia fez para a saúde dos cidadãos).

Não é, porém, a Intendencia de Porto Alegre a unica que empregou latim em seus monumentos, pois alguém apreciou maliciosamente o seguinte *latino* inscripto n'uma ponte do municipio de Santa Cruz: *Fecit in era Pittae* (Fez na éra do Pitta). Bem se vê que não se trata da éra do Tio Pita, mas da éra certamente iniciada pelo então intendente de Santa Cruz.

Outras pontes têm identicas inscrições e até casas commerciaes. Em um dos arrabaldes desta capital, um vendeiro mandou collocar na frente de sua casa esta inscrição: *Labor omnia vincit* (O trabalho tudo vence) e o pintor, pensando naturalmente que se tratasse do nome do negociante, poz o seguinte letreiro em grandes caracteres: *Laboronio Vincit*.

Tudo isso obedece a uma tradição que vem de épocas remotas, chegando até nós como um leve perfume, ainda capaz de elucidar assumptos os mais interessantes sobre alguns dos nossos costumes.

O facto é que os rio-grandenses nunca esquecem os seus *pagos*, para onde conservam voltados os olhos, para onde sempre querem voltar...

Uma vez, no Rio de Janeiro, o invicto Osorio disse ao grande tribuno Silveira Martins :

“Conselheiro, fique v. ex. aqui maneando a politica, porque eu vou para o sul, para os nossos *pagos*, de que me acho ha muito afastado e de que tenho saudades.”

✱

No *Popularium sul-rio-grandense*, de Apollinario Porto Alegre, não encontrámos o referido vocabulo, talvez por não ser de procedencia indigena, sendo possivel tambem que o mesmo figure em algum caderno extraviado.

Como prova das sympathias que os rio-grandenses dedicam ao termo em questão, damos abaixo algumas das numerosas quadrinhas populares, muito conhecidas em diversas regiões do nosso territorio :

Quando me ausento dos *pagos*
Isto por curto intervallo,
Reconhecem minha volta
Pelo tranco do cavallo.

Amigos, irmãos do fado,
Nossos *pagos* stão perdidos :
Já não são admittidos
Os honrados.

Illustrissimos senhores
Lá dos *pagos* do Cerrito ;
De arrenegado e afflicto,
Vou falar :

Já não posso supportar
Esse infame proceder,
Por isso, vou a dizer
O que são.

Todos, sem comparação,
São todos lá desses *pagos*,
Que não merecem affagos
De ninguém.

Aos cerritanos de Cangussú :

Meus *pagos* não são daqui,
Nem daqui eu quero ser ;
Meus *pagos* são Quarahy,
Onde nasci, vou morrer.

Quando vim lá dos meus *pagos*
 Muita menina chorou ;
 Eu tambem chorei um pouco
 Por uma que lá ficou.

Agora me estou lembrando
 Dos *pagos* de Jaguarão,
 Amores que foram meus,
 Agora de quem serão ?

✱

Terminando hoje esta pequena série de artigos, cumpre-nos declarar que tínhamos o proposito de tratar de mais alguns vocabulos de origem guarano-tupica, como *assahy*, *imbituba*, *ipé*, *tucum*, *buriti*, *abacaxi*, *carnaúba*, *pindoba*, e outros, o que faremos provavelmente em ocasião opportuna.

Não se pense, porém, que, com estes artigos, tenhamos qualquer pretensão a philologo, o que tambem não quer dizer que o assumpto não seja muito do nosso especial agrado.

O principal objectivo que tivemos em vista foi prestar uma modesta homenagem á memoria do nosso saudoso professor e amigo Apollinario Porto Ale-

gre, que esta mocidade que passa não conhece e que, no emtanto, ainda occupa uma posição de relevo entre os espiritos mais cultos que até hoje tem produzido o Rio Grande do Sul.

F I M

A P P E N D I C E

PARTHENON LITERARIO

APOLLINARIO PORTO ALEGRE

Tendo em vista tornar cada vez mais conhecidos os nomes daquelles que, em um passado não muito remoto, tanto se esforçaram pelo desenvolvimento da nossa litteratura, o desembargador Florencio de Abreu e Silva, na *Revista do Instituto Historico e Geographico do Rio Grande do Sul*, recentemente publicada, traça algumas linhas sobre o *Parthenon Literario*, famosa associação de intellectuaes que aqui existiu.

Em seguida, vêm transcriptas as actas das sessões do mesmo *Parthenon Literario*, correspondentes ao anno de 1872.

Em algumas das referidas actas, bem escriptas, mas muito resumidas, são feitas accusações aos jor-

nalistas Aurelio Verissimo de Bittencourt e João Cancio Gomes.

Christiano Kraemer, que foi collaborador do *Correio do Povo*, em que, por muito tempo, manteve a sua secção *Bagatelas*, e que era socio do *Parthenon Literario*, aproveitou a occasião e, obtendo a palavra, accusou o poeta Mucio Teixeira, dizendo que, sobre este, recaía “uma grande parte das intrigas tramadas entre os socios”. Por fim, pediu que Mucio Teixeira soffresse a mesma pena que áquelles jornalistas fosse infligida.

Apollinario Porto Alegre tomou, então, a defeza do poeta, affirmando ser o mesmo uma creança, cheia de leviandade, justificada pela sua mesma menoridade, visto não ter bastante madureza de espirito para discernir o mal.

E, assim, continuou a discussão, tornando-se essa sessão uma das mais agitadas que teve o *Parthenon Literario*.

Aurelio Bittencourt, João Cancio e Christiano Kraemer, que foram muito considerados em nosso meio social, já desapareceram d’entre os vivos.

Quanto ao autor da *Canção ao luar*, já um pouco avançado em annos, vive elle, ainda, no Rio de Janeiro, onde se intitula barão Ergonte, o hierophante vate, que costuma fazer as suas prophcias á sombra das sete palmeiras do Mangue...

✱

Na acta da sessão de assembléa geral, realizada a 18 de fevereiro de 1872, lê-se que Apollinario Porto Alegre, usando da palavra, “expoz á casa o motivo por que deixou de apresentar o relatorio do tempo de sua presidencia e tambem por ter sido esse tempo um dos mais desanimados pelo qual passou o *Parthenon Literario*.

Na sessão de 17 de março do mesmo anno, foi enviada á mesa uma proposta, assignada pelo grande orador Affonso Marques e por mais nove socios, apresentando Apollinario Porto Alegre para socio benemerito.

Este, usando da palavra, declarou que não podia aceitar tal distincção, pois não queria entrar no

Parthenon Literario com outro titulo além do de simples socio. A sua consciencia recusava que elle aceitasse o titulo de benemerito, em vista do desanimo que accommettêra a sociedade durante o tempo de sua presidencia.

Ora, temos em nosso poder uma parte do archivo de Apollinario Porto Alegre e, nelle, encontramos a cópia de um officio, dirigido ao *Parthenon Literario* e no qual explica, claramente, as razões por que não apresentou o seu relatorio.

Eil-o :

Ha um anno que annui aos pedidos de alguns amigos e aceitei a presidencia do *Parthenon*. Presidil-o foi velocidade que, nem siquer um momento, me passou pela mente, desde que esta associação encetára o primeiro passo em sua existencia, quando recusei as mesmas attribuições, com renitencia. Eu me prezava mais como simples gladiador das letras e modesto operario na edificação do templo, do que no primeiro logar de sua direcção.

Ha um anno, pois, que eu fraqueei e desisti do transacto proposito. Fatal condescendencia ! Porque é o mais triste periodo a quadra mais despida e desoladora em seus annaes ! E o que mais sinto é que venha apadrinhado com o meu nome.

Esta época devem obliteral-a, foi um intersticio de ca-

talepsia, a inercia do cadaver, uma descontinuidade de vida. O pulso da mocidade deixou de bater, ou, apenas, tem o debil latego da decrepitude que palpa o terreno da sepultura, com a ponta do bordão.

E' um relatorio que devia apresentar-se, não ?

Admiram-se de phrases tão incisivas ? Não devem admirar-se !

Devia ser um relatorio, não ?

Mas, quem jamais teve a «humoristica» lembrança de relatar a decomposição dum corpo, que, lento e lento, vae corroendo o verme, e atirando ao pó os seus fragmentos ?

Faz-se outra coisa : medita-se, ou desenha-se.

E' o que eu faço.

Começo pelo debuxo e carrego o esfuminho. Não será verdade o que vae dito ? Os moços de 1868 são os de 1871 ?

Medeia um abysmo entre as duas datas. Dum lado : o entusiasmo radiante de cada cerebro, de cada labio, de cada gesto ; havia a uberidade das crenças, a firmeza das convicções e a sublime reacção contra uma sociedade pueril e materialista, que se preoccupa mais de floretes nos salões e de politica e gaffa na orbita da vida publica. Do outro lado : a camada gélida do indifferentismo para o que ha pouco fôra digno dum culto, porque se considerara uma religião ; o olvido brutal para o que custou tanto affã, tanto sacrificio e tantas lutas, olvido abyssinio que sauda o sol no levante e o apedreja no occaso ; emfim, a afonia devida aos óbices encontrados no caminho, ou, quem sabe ! — a vontade de transigir com a turba-multa adversa.

A alma da sociedade oxidou-se em tão curto prazo e bem prova que tudo, nesta terra, precisa dum estremeci-

mento moral, dum cataclysmo energico que faça resurgir a vida do seio da morte e o elemento civilizador numa nova palingenesia social. O tronco, onde a polilha móra, deve cair. Que venha o renovo cheio de selva e viço, cresça, ramifique-se, cubra-se de flôres e produza fructos. E' a lei. O Brasil é o tronco e o *Parthenon* promettêra um dia ser um dos ramos do renovo.

Por que não ha de sel-o ?

Por que ha de desmentir a bella promessa ?

Não sabe que uma vez na vereda das victorias sobre o passado não ha que recuar. Que se acha compromettido com a posteridade ? Compromettido, digo bem, porquanto mesmo extincto, morto ou trucidado, é uma pagina classica da historia da provincia e continuaria a viver nas recordações tradicionaes do futuro. Fui infeliz, achei-me isolado de amigos e companheiros; e si é plausível a expressão — fui traído, porque foram elles que me impuzeram a aceitação da presidencia. Entretanto, faço votos pela prosperidade da nova directoria e que mais auspiciosos annos a bafejem e a guiem na elevação do *Parthenon* á gloria que lhe compete diante da civilização rio-grandense.

Apollinario tinha sempre por costume falar, ou escrever, em tom imperativo, em tom dogmatico.

Deve ser; por isso, censurado ?

Não, certamente.

Escrevendo, essa predisposição do estylo lhe

viera do facto de exercer o magisterio, durante longos annos.

Um professor, sobre esta ou sobre aquella materia, deve procurar levar a convicção ao espirito dos seus alumnos, e não á duvida.

Um professor não pôde exprimir-se, por exemplo, assim : “parece que”, “provavelmente a verdade é esta”, “supponho que”, e assim por deante. Tem sempre que affirmar, ou negar, de modo incisivo.

E' o que se depreende do officio que acima reproduzimos.



UMA CARTA DE JOSÉ DE ALENCAR

Em 1875, o romancista brasileiro José de Alencar, cujos livros ainda são lidos avidamente em nosso paiz, especialmente o *Guarany*, do qual foi extrahido o libreto para a opera que tem o mesmo nome, dirigiu á *Revista do Parthenon*, em janeiro daquelle anno, a carta que damos a seguir :

Illmo. sr. — Recebi os quatro volumes da collecção da interessante REVISTA DO PARTHENON, que v. s. me fez o favor de remetter.

Antes de tudo, cumpre-me agradecer tão precioso mimo e pedir a v. s. de servir de interprete ao meu reconhecimento para com os collaboradores da REVISTA que fizeram o favor de occupar-se de meus escriptos; e especialmente para com o distincto e illustrado IRIÊMA (1.º).

Ignorava que, ao tempo das emboscadas que me faziam uns moços convertidos em instrumento de um rabula... houvesse, na heroica e generosa provincia do Rio Grande

do Sul, um escriptor de grande merito e nobres sentimentos que espontaneamente tomasse a si vingar os foros de nossa nacionalidade litteraria, ferida por paixões inconfessaveis.

Foi sómente agora que, percorrendo as paginas da REVISTA DO PARTHENON, tive o prazer de ler as palavras animadoras de IRIEMA, a quem já conhecia por um bello volume de poesias intitulado BROMELIAS, e a quem não me dirijo pessoalmente por ignorar seu nome.

Por ultimo, rogo a v. s. sirva-se incumbir, nesta côrte, a alguém de receber alguns volumes de obras minhas, destinadas á bibliotheca do Parthenon.

Com estima e consideração

De v. s. etc.

JOSÉ DE ALENCAR.

Côrte, 12 de janeiro de 1875.

Sob a epigraphe José de Alencar, Apollinario Porto Alegre, servindo-se do pseudonymo de Iriema, fez um longo estudo daquelle romancista brasileiro, na Revista do Parthenon, nos annos de 1873 e 1874.

CARTA DO CONEGO DR. JOSÉ GONÇALVES VIANNA

A proposito da poesia *Feralia*, que Apollinario Porto Alegre dedicára á memoria de sua filha America, o conego dr. José Gonçalves Vianna, que foi professor de latim e de philosophia no antigo Instituto Brasileiro, dirigiu-lhe a seguinte carta :

Meu caro Apollinario

Chorei, sim, chorei sentidamente contigo, lendo hoje a tua magnifica nenia — *Feralia*.

Foi a resurreição de teu estro de poeta na explosão de tua dôr de pae. Honraste e avivaste, com tanto mimo quanto esplendor, a cara memoria de tua boa filhinha.

Na minha philosophia, que é a minha religião, ou na minha religião, que é a minha philosophia, a morte não é o occaso do homem, é a aurora de sua immortalidade; e a dôr não é o sepulcro do coração, é o crysol de seu amor.

A morte e a dôr são phenomenos sublimes e santos, que elevam e purificam. Que prova mais eloquente que esses inspirados threnos que tua alma acaba de desferir?

Abraça-te ex-corde

Teu affectuoso compadre

VIANNA

T. C., 9 de Agosto de 1891.



AMALIA FIGUEIRÓA

Franca, Setembro.

Li, no dia 25 deste, que Amalia Figueirôa, a illustre poetisa rio-grandense, falleceu nesse dia, em 1878.

Quando estudei em Porto Alegre, soube que ella era bella e que morreu louca, apaixonada pelo meu professor Apollinario José Gomes Porto Alegre, um dos homens de mais talento e uma das melhores pennas, sinão a melhor, do Rio Grande do Sul.

Foi preterida por outra tambem bella e que eu conheci, mais tarde, esposa do mestre, seu mestre tambem.

Amalia Figueirôa é a Sapho rio-grandense, Sapho no amor e na desventura, Sapho na inspiração

(embora José Palmella negue a identidade da Sapho amante e da Sapho poetisa).

Mergulhou no mar tenebroso da desventura, da loucura . . .

Que maior desventura, que *noite mais escura ha*, apropriando-me das palavras do poeta, *na vida*, do que o amor não correspondido, do amor não compreendido, muita vez do amor não adivinhado ? . . .

Esse amor é, então, a loucura, ou a morte, ou o desespero, ou a tristeza.

Amalia Figueirôa foi victima desse amor, bem como Sapho.

Mas, então. porque a Natureza não é mais sábia, não dá á mulher o homem que ella ama e ao homem, igualmente, a mulher que elle ama ? . . .

S. LAURO.

Diario da Manhã, n.º 402, de 4 de outubro de 1900, de Ribeirão Preto, no Estado de São Paulo.

CARTAS A D.^a NHAZINHA

D. Nhazinha (1)

Sempre a incommodar-se commigo. Agradeço.

Felicito-a pela approvação do Alvaro.

Vou passando regularmente, apezar do tempo não me ser favoravel e continuar a mostrar uma carranca que não condiz com a estação.

Cartas e telegrammas do Alvaro recebi no dia 23, quando o telegramma é de 1.º do mez.

Escrevendo ao Maneca, mande-lhe recommendações.

Receba tambem um estreito aperto de mão do

Amigo e admirador

APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

(1) Exma. sra. d. Amalia Furtado, então solteira e hoje esposa do sr. Alvaro Porto Alegre, filho de Apollinario Porto Alegre.

Casa Branca, 8 de fevereiro de 1903.

D. Nhazinha

Cordiaes saudações e a toda familia.

Ha mais de anno promette-me alguma coisa sobre sonhos, com a explicação. Não cumpriu ainda. E' preciso cumpri-lo. Mas eu quero só o que é nosso, porquanto de fóra, isto é, não rio-grandense, tenho de sobra. Eu mesmo reuni alguma coisa, mas confesso que está incompletissima. Póde ajuntar tambem algumas outras superstições, crendices. Como vive entre meninas, suas alumnas, indague-me tambem si a roda infantil denominada *Condessa* existe entre nós. Eu não a encontrei ainda. Si existe, collija-me a lettra e a explicação necessaria.

Si o assás estudioso Alencarino⁽²⁾ apparecer ahi, dê-lhe lembranças.

E como sempre,

Amigo e venerador
APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

(2) Alencarino, já extinto, filho de Apollinario Porto Alegre.

Casa Branca, 30 de março de 1903.

D. Nhazinha

Saudações.

Remetto-lhe o trecho relativo á roda da *Condessa*.

Mande-me os versos que cantam com a *cadeirinha*.

Si puder arranjar alguma adivinhação, far-me-á especial obsequio.

Seu amigo e venerador

APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

Casa Branca, 3 de agosto de 1903.

D. Nhazinha

Muito saudar.

O mez de julho, como sempre, como não quiz matar-me (não poudes) não passou, sem deixar signal funebre de sua passagem.

Cahi doente, como em novembro; a minha fe-

licidade foi que eu estava mais forte, e, apesar de ser no inverno, oppuz maior resistencia. Comtudo, cinco dias e cinco noutes não me foi possivel pregar olho, o que me fez de novo emmagrecer.

Maldito e aziago mez, onde parece que não ha um só dia que não marque uma chronica de desgraças !

Espero que agosto me fortalecerá.

Peço-lhe agora, para meus trabalhos interrompidos actualmente, ainda o seu concurso em relação a proverbios. Quiz lembrar-me um destes dias de um que começa assim, creio: "Chita e moça bonita..." Do resto não me foi possivel recordar, na occasião.

Mas não os quero tirados de livros, e sim usuaes na conversação domestica e no nosso povo. Tenho já centenas, mas muito maior cabedal por ahi anda, cuja fórma não me ficou na memoria, mas de que, no emtanto, conservo o sentido.

Os que tenho têm sido recolhidos desde muito á proporção que os ia ouvindo.

Vae o resto das flores de açouta-cavallo e dous

vidros, porque o terceiro, neste momento, faço uso delle e o quarto ainda está intacto.

Recommende-me a todos.

O amigo e venerador

APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

Casa Branca, 19 de setembro de 1903.

D. Nhazinha

Recebi hoje, pela manhã, suas balas de leite. Agradecido.

Os seus *proverbios*, só no dia 3 deste mez, é que os recebi num pacote de livros que me mandara. Rasgando o pacote em parte e vendo que eram livros que ahi estavam, não tratei de desembrulhal-o. Mais tarde, a necessidade dum cordel me fez encontrar a carta e com ella os proverbios.

Eu vou mal. Preparo os biscoitos para a grande travessia do mar infinito. Emmagreci bastante com a recahida de julho, e ha dias que, sem motivo

plausível, veio novo acesso, fraco, é verdade, mas bastante incommodo. Agora, trabalho dous dias, para deixar de trabalhar trez e quatro. E' um verdadeiro martyrio. Si commetti peccados, já os tenho expiado sobejamente. Até a obra, em que eu estava empenhado ultimamente com tanto interesse, já me começa a aborrecer.

E era, entretanto, o meu passatempo, talvez a minha ultima illusão!...

Emfim, como não ha mais nada que fazer nesta soledade compativel com as minhas forças actuaes, irei fazendo esforços para proseguir.

Irei até ao fim ?

Deus o sabe; porque eu já não confio em mim, apezar de que, á proporção que o corpo definha, o espirito se torna cada vez mais lucido.

Deve ser assim. Diz um proverbio chinéz: "Quando emmagrece o corpo, a alma engorda".

Remetto-lhe uma pasta, para continuar nos serviços de minha collaboradora.

Não tem obtido mais adivinhações ? E' este um ponto fraco do meu trabalho. Será capaz de

descobrir toda a letra duma canção popular — *O sabiá*, que tem o seguinte estribilho :

— Piarão, piarão, piarão ?

Não me dará noticia do interessante poeta Alencarino, que, em versos, tanto deseja morrer e ainda não morreu ?

Ha mais de 3 ou 4 semanas não o vejo.

Quem sabe si não fez a viagem ao polo do Norte ou aos sertões da Africa ?... Não quiz, porventura, participar-me tão audaciosas empresas!...

Seu patricio, amigo e admirador,

APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

Casa Branca, 11 de dezembro de 1903.

D. Nhazinha

Cordeaes saudações.

Eu vou por aqui remanchando; mas actualmente me considero melhor e com certa animação, apezar dos incommodos, e da má primavera, cujas ventanias desde agosto me offerecem quotidianamente

o ramalhar marulhoso do arvoredado e uns bufidos e esfuzios que, afinal, me aborrecem.

E' um concerto gratis de milhares de baixos, pistons, trompas e clarins.

Não é uma estação muito agradável para doentes.

Voltei, como em dezembro do anno passado, com o mesmo ardor, aos meus trabalhos.

Por estes dias, si o tempo permittir, lá irei visitá-la.

Adeus.

Recommende-me a todos de casa. Quando escrever ao Maneca, mande-lhe lembranças.

O patricio, amigo e admirador,

APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

Casa Branca —

D. Nhazinha

Cheguei bem. Quando me deitava, a chuva cahia. Tossi um pouco de entrada, mas passei bem

o resto da noute. O Meruim (cachorrinho) não seria tão tolo que se perdesse, apesar das trevas.

Irei breve.

O amigo e admirador

APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

Casa Branca, 1 de janeiro de 1904.

D. Nhazinha

Saude e prosperidades com o anno que se enceta, sobretudo, a primeira que vale mais que qualquer thesouro de Cresos.

Vou melhor, si não é muito, é alguma cousa.

Quanto ao meu trabalho, não o tenho deixado; quotidianamente vai mais uma pedra para o edificio.

Agradeço-lhe o presente; é muito.

Receba os protestos de estima e consideração.

Do amigo e venerador

APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

Casa Branca, 22 de fevereiro de 1904.

D. Nhazinha

Felicito-a pelas melhoras do Tupi e por ter o Alvaro encetado já seu serviço clinico.

Agradeço-lhe as balas; diga á Gloria que a pescaria dos figos foi muito difficil.

Ha nove dias que cahi com um accesso de bronchite formidavel, como o de novembro de 1902 e o de julho do anno transacto.

Si quizer prestar-me um bom serviço, peça ao Alvaro um expectorante que me desprenda facilmente as secrecções dos bronchios, que, ás vezes, me dão um trabalho que acaba em terrivel canceira.

Recommende-me a todos.

Seu amigo e venerador

APOLLINARIO PORTO ALEGRE.

Crê então que eu, gostando de caminhar, esteja de cama, immobilizado por gosto ?

Não, é a doença, a maldita doença que me prende, me ata e agrilhôa.

Hoje, o Alencarino trabalhou muito commigo para arrancar-me da cama; finalmente foi resolvido que elle fosse buscar o carrinho de vocês para fazer uma visita ao Marcollino que está como eu.

Fiquei mais animado com o sol que apanhei, o ar que absorvi e os solavancos do proprio carro.

Adeus.

O mesmo.



MORTE DE APOLLINARIO PORTO ALEGRE

Pelo proprio punho de Caldas Junior, saudosos fundador e director do *Correio do Povo*, foi escripta, no dia 24 de março de 1904, a seguinte noticia sobre o fallecimento de Apollinario Porto Alegre :

Succumbiu hontem, aos estragos da tuberculose pulmonar, e de uma lesão cardiaca, o velho e abalisado educacionista rio-grandense Apollinario Porto Alegre.

Todos o conheciam no Estado, ou pessoalmente, ou de tradição, porque era grande o seu renome e lhe deram larga notoriedade os seus escriptos.

Era o decano dos nossos propagandistas republicanos, e desde muito cedo começou a prédicar as suas idéas, tratando principalmente de inculcá-las no espirito dos jovens alumnos do seu collegio, o extinto *Instituto Brasileiro*, um dos primeiros estabelecimentos que têm existido no Rio Grande do Sul.

Ali, o querido mestre, ouvido sempre com acatamento pelo grande numero de discipulos que frequentavam o *Instituto*, lhes dava elle, não sómente a instrucção, sinão tambem a educação civica, com abundancia de saber e em estos de enthusiasmo.

Ainda não havia, na imprensa diaria da então Provincia, siquer um órgão republicano, ainda a Republica não passava de um vago sonho de meia duzia de visionarios — como então lhes chamavam — e já Apollinario Porto Alegre fazia bizarro proselytismo, commemorando solememente, no seu collegio, as datas culminantes da revolução de 35 e das conquistas da grande revolução franceza.

Talento de eleição, illustração variada e profunda, espirito lucido, character de proverbial altivez, o erudito mestre sentia-se sempre á vontade entre os seus alumnos, ou lhes dêsse lições de qualquer disciplina escolar — que elle de todas entendia admiravelmente — ou lhes falasse dos grandes vultos e dos grandes feitos da epopéa revolucionaria dos *farrapos*.

Era vasto o seu saber, como era enorme o seu talento, que por ahi se expandia, em jorros de luz, na cathedra de mestre, nas sciencias, na literatura, no livro e na imprensa.

A sua bibliotheca era opulentissima, e o seu museu scientifico uma verdadeira preciosidade — uma e outro, hoje infelizmente, jacentes em lamentavel abandono, pelos compartimentos da *Casa Branca*, a sua predilecta vivenda.

Depois de longos annos de triumphos e de relativa abastança, Apollinario Porto Alegre teve de fechar o *Instituto Brasileiro*, e dedicou-se ao magisterio particular.

Proclamada a Republica, elle, que fôra, entre nós, o

seu mais antigo e um dos seus mais eminentes propagandistas, esteve sempre no ostracismo, porque combateu sempre, com ardor e com violencia, tudo quanto se fez após o advento das novas instituições.

No seu modo de vêr, ia tudo mal, só havia erros sobre erros; e elle, que era dos que não sabiam transigir, foi um lutador tenaz e brilhante, sempre em conflicto aberto com os dominadores do dia.

Cabeça pensante de um grupo de dissidentes republicanos, a sua opposição foi até ao extremo de, mais tarde, ligar-se aos adversarios tradicionaes — a poderosa legião partidaria que tinha como chefe supremo o conselheiro Silveira Martins.

Foi então, nos rudes embates da politica partidaria, em dias e annos de tremendas convulsões intestinas, que refulgiram, com brilho excepcional, os seus dotes de nivel polemista. Fazendo parte da redacção da *Reforma*, antes e depois da revolução, illuminou, com as radiações da sua vigorosa intellectualidade, as paginas desse extincto órgão federalista.

A golpes de talento e de erudição, no desassombro de uma coragem indomita, engalanando idéas e convicções, com as pompas de um estylo castiço, fulgurante e dominador, teve elle, então, assignalados triumphos, é certo, mas tambem curtiu amarissimos dissabores.

Foi preso, teve de abandonar o Rio Grande do Sul, esteve quasi a ser uma das victimas da hecatombe de Santa Catharina, e andou, por fim, amargando provações do exilio, por terras do Rio da Prata.

Quando serenaram as luctas armadas, quando amainaram as tempestades da guerra civil, regressou ao Rio

Grande do Sul. Era ainda o mesmo homem de basto saber e de altivez inflexível, mas alquebrado já pelos annos, com enfermidade mendaz a minar-lhe o organismo, de espirito abatido, todo elle resumbrando os estragos de um septicismo invencível. E assim — taciturno, triste, irritadiço e descrente — deu-se a um abandono e a uma esquiva que eram os ultimos traços da epopéa de um vencido.

Após longo tempo de inactividade e de scismas, nos torpores de uma alma combalida, recolheu-se, por fim, á mesta solidão da sua *Casa Branca*, refugio derradeiro do forte espirito que não queria succumbir, mas que tambem já não podia reagir.

Ali lhe transcorreram dias amargurados de uma existencia infeliz, entre os livros da sua bibliotheca — fieis amigos de sempre — e entre as preciosidades do seu museu — fructo soberbo de intelligentes labores e acuradas investigações scientificas.

Mas o mal progredia, e o organismo enfraquecido do velho mestre já não mais supportava as agruras daquelle isolamento e a falta de conforto e cuidados exigidos pelo seu precario estado de saúde.

Veu elle então para a Santa Casa, e ali, em quarto particular de 1.^a classe, foi encontrar as doçuras de um trato carinhoso e de affectuosas sollicitudes.

O mal, porém, era mortal, e victimou hontem o solitario da *Casa Branca*, honra e gloria do Rio Grande do Sul, que hoje lamenta a perda de um dos seus mais illustres intellectuaes.

Por isso sobreviverá a sua memoria, respeitada pelos que lhe admiravam a pujança mascula do talento, a inque-

brantabilidade viril do character e a bondosa grandeza do coração, sempre aberto ás mais generosas expressões do altruismo.

✱

Apollinario Porto Alegre cultivou com vantagem o romance e a poesia, e deixa tambem alguns trabalhos scientificos, uns concluidos, e outros apenas encetados.

Entre os seus livros publicados, lembramo-nos das *Bromelias*, collecção de versos, do *Vaqueiro*, romance de costumes, e da *America*, poemeto sentimental.

Isso afóra innumerous trabalhos, insertos na *Revista do Parthenon Litterario* e em outras publicações.

Collaborou tambem activamente na *Imprensa*, fundada por seu digno irmão Apelles Porto Alegre e o primeiro jornal diario que se creou no Rio Grande do Sul, para a propaganda republicana.

Apollinario Porto Alegre aproveitou os seus ultimos mezes de vida para, no retiro a que se acolhera, colleccionar algumas das suas melhores poesias, enfeixadas sob o titulo expressivo de *Flôres da Morte*. Ficou ainda no prelo esse livro, que agora terá tristemente justificado o seu titulo, pois só apparecerá depois de já morto o seu autor.

✱

O finado contava 60 annos de idade, e era irmão dos nossos amigos Achylles e Apelles Porto Alegre, tambem festejados homens de letras. Fôra elle casado com uma distincta irmã do nosso amigo Francisco Gama, e enviuvára

ha cerca de 12 annos, justamente na data de 23 de março.

Apollinario Porto Alegre deixa seis filhos: Alvaro, Alencarino, Aracy, Açahy, Armindo e Angelim.

Em homenagem á memoria do preclaro educacionista, verdadeiro ornamento do magisterio rio-grandense, suspenderam hontem suas aulas o collegio dirigido pelo nosso amigo Ildefonso Gomes e a escola Mauá, da Associação dos Empregados no Commercio.

✱

Apezar de ainda não divulgada pela imprensa a noticia do infausto passamento, tiveram hontem grande concurrencia as cerimoniaes de encommendação e enterro do illustre rio-grandense.

✱

Entre as pessoas presentes, podemos notar os srs. marechal Augusto Cezar, desembargador James Franco, tenente-coronel Aurelio de Bittencourt, dr. Manoel Carneiro, tenente-coronel Leopoldo Masson, Apollinario Teixeira, Dinarte Ribeiro, dr. Wencesláo Escobar, dr. Alvaro Furtado, João S. Azevedo, Eduardo F. Monteiro, Estacio Pessoa, Eurico Ribeiro, Arthur Candal, Affonso Guedes da F. Araujo, Eduardo Gama, major Amancio Freitas, José Luiz P. da Silva, Souza Moura, José Caetano Ferraz Teixeira, Antonio Maria Smitt, Arthur Nascimento, represen-

tando o directorio do partido federalista do Rio Grande, dr. Moysés Menezes, Damasceno Vieira, Joaquim Freitas Guimarães, Antonio de Souza Guedes, Raul Ribeiro, dr. Antonio José Pinto, tenente-coronel Frederico Lara, major Germano Petersen, Basilio Gomes, Horacio Chaves, Affonso Rocha, Vasco Azambuja, Oscar Canteiro, Pedro Bina, José Velloso Leal, Julio Furtado, Alvaro dos Reis Flores, major Antonio da Fontoura Barreto, Carlos Saturnino Pinto, Labieno Jobim, José Vieira do Amaral, Honorio Porto, Daniel Job, Olympio Duarte, Oscar Coelho, José M. Schmidt, capitão Manoel Luiz de Magalhães, Candido Villanova, Francisco Pinto, Ulysses Cabral, Ignacio Montanha, André Puente, Miguel Sarley, Augusto Viegas, Carlos Reverbel, Affonso Pereira da Rocha, João Alexandre de Aragão, Joaquim Raymundo de Oliveira Paes, João Vicente O. Guimarães, Ivo Corseuil, capitão Oceano Santiago, Victor Bernardes Pereira, Hygino Leitão, padre dr. Silva Lima, Waldemar Hensel, Theotonio Araujo, João Celestino Salvatori, Christovão Lenz, Felipe de Paula Soares, Albino Pinto, João B. Sampaio, Antonio Enes Bandeira, dr. José T. de Souza Lobo, Joaquim Amaro da Silveira, Silva de Albuquerque, Leonel Madureira, Custodio Rodrigues Gonçalves da Silva, Ignacio Manoel Domingues, José Carlos de Souza Lobo, Felisberto Nunes de Albuquerque, Numa Gonçalves, José Luiz Ferreira, Francisco Ribeiro Furtado, José Candido Monteiro, dr. Leonardo Macedonia, Ladislau Amaro da Silveira, José Braz Faria, Gaspar Guimarães, Luiz Roberti, dr. Sergio de Oliveira, Candido Pacheco, dr. Saturnino Thomaz de Aquino, Alipio Canteiro, representantes do *Petit Journal*, *Gazeta do*

Commercio, Jornal do Commercio, Independente, Correio do Povo, bem como o directorio federalista desta capital.

Da familia do illustre morto, compareceram os seus filhos que aqui se acham, irmãos e sobrinhos.

O feretro achava-se coberto de innumeradas corôas, entre as quaes as seguintes: de seus filhos; de seus irmãos Apelles e Ernestina; do directorio federalista; de seu irmão Achylles; de Dinarte Ribeiro; de sua sobrinha Angelina Porto Alegre Vianna; de sua sobrinha e afilhada Cecy; do partido federalista; de Olympio Duarte; de seu sobrinho Alfredo; da familia Joaquim Furtado; do club *Gaspar Martins*, do Rio Grande; de seus sobrinhos Amelia e Arnaldo Franco Porto Alegre.

O corpo do venerando educacionista foi levado a mão, da igreja até ao cemiterio, disputando grande numero de amigos as alças do caixão que encerrava despojos tão preciosos.

Ao descer o corpo á sepultura, falou o distincto litterato Damasceno Vieira, enaltecendo os meritos do pranteado educacionista.

Commovido até ás lagrimas, Damasceno Vieira, que foi seu amigo e seu companheiro de lides literarias, traçou, com grande propriedade, os caracteristicos da individualidade de Apollinario Porto Alegre.

O seu discurso, com elevação de conceitos, phrase elegante e profunda sinceridade, foi uma bella homenagem prestada á memoria do extincto patricio.

INDICE

Acompanhando o autor I, II, III, IV, V, VI, VII,	VIII, IX
Introduccão	7
Abombar, encangar	17
Butiá, butiatuba, butiazal.....	27
Churrasco	43
Pabulagem, pongó, caborteiro, espia.....	55
Cambicho, banzé-de-cuia	65
Promode, verbo hostar, obrigação, cambota, nuel.....	75
Charque	85
Pagos	93

APPENDICE

Parthenon Literario — Apollinario Porto Alegre.....	109
Uma carta de José de Alencar.....	117
Carta do conego dr. José Gonçalves Vianna.....	119
Amalia Figueirôa	121
Cartas a d. ^a Nhazinha.....	123
Morte de Apollinario Porto Alegre.....	135

ILLUSTRAÇÕES

Apollinario Porto Alegre.....	6
Romagueira Corrêa	21
Instituto Brasileiro	29
Padre Carlos Teschauer, S. J.....	41
Scena da «Iliada», de Homero.....	47
Scena da «Eneida».....	51
Casa Branca	67
Antonio Alvares Pereira Coruja.....	70

